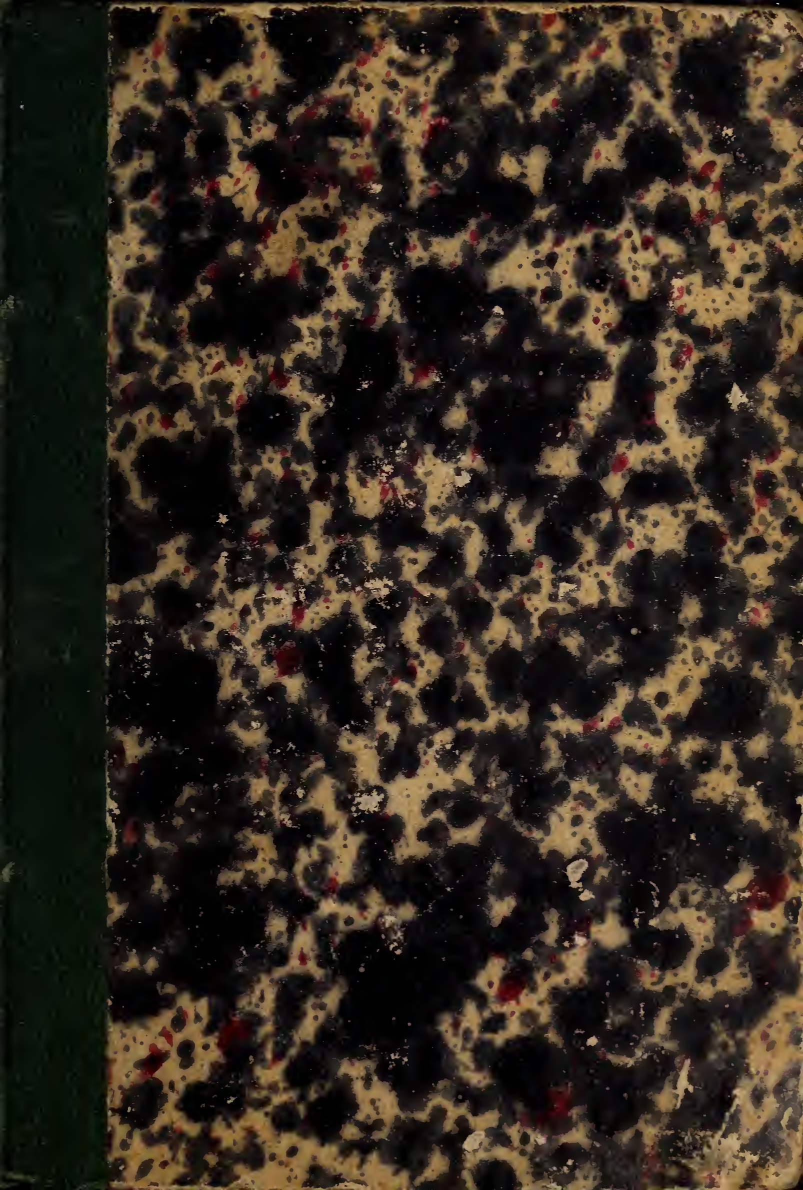



THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

4(?)01

OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT.

I.

(CAMÕES.)

NA IMPRENSA NACIONAL.

CAMÕES

PELO

V. DE ALMEIDA-GARRETT.

QUINTA EDIÇÃO.

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS.

1858.

NA QUARTA EDIÇÃO.

Concluímos emfim esta quarta edição authêntica do poema Camões que ha tanto era desejada. Foi revista e augmentada pelo auctor ainda com mais escrupulo e esmêro do que as antecedentes, que nenhuma d'ellas, e ésta menos que nenhuma, se póde dizer reimpressão da antecedente: todas teem sido additadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegancia typographica da presente edição tambem é facil de ver quanto ex-

cede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo auctor á excessiva indulgencia e favor publico com que ésta obra tem sido universalmente accolhida.

Lisboa, 21 de Março
1854.

NA TERCEIRA EDIÇÃO.

Démos a segunda edição authêntica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no só consummo da Europa, pois que as contrafeições brazileiras impedem o da America. Vem tam demorada ésta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu-se emfim a satisfazer ao impenho do público: e hoje sai outra vez o poema Camões mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correcção, additamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar logar aqui e para mais illustrar ésta nossa terceira edição, a elegantissima ode de M.lle Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida collecção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris 1841). Aopé d'ella achará o leitor, no logar competente, a linda traducção que dedicou ao nosso illustre poeta um de seus mais distinctos admiradores, o Sr. J. M. do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

Lisboa, 8 de Julho
1844.

NA SEGUNDA EDIÇÃO.

A primeira edição d'este poema, que se concluiu em París em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dous annos pelo ingenuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escriptos a tanto por linha nas columnas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscripto: apenas se annunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um anno depois de publicada e mais de meia extrahida a edição, é que d'ella se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema Camões. Mas primeiro as vicissitudes politicas do reino e occupações graves do auctor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, apperfeiçoando e corrigindo em edade de mais reflexão o que elle sinceramente intendia que só lhe fôra descul-

pado por verdura juvenil, foram addiando indefinidamente a execução d'este que era commum desejo do auctor e do público.

No entretanto contrafeições brazileiras reproduziram as primeiras edições d'esta assim como de outras obras do auctor: estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar ás horas do descanso de suas occupações para corrigir a obra e a intregar de novo ao prelo.

Muitas publicações litterarias nacionaes e estrangeiras tinham, no intervallo, examinado, censurado e louvado o Poema Camões. Entre outros jornaes, o *Portuguez em Londres*, o *Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quarterly Review*, e ultimamente a *Revista* do Porto. Cada um a seu modo e gôsto notou o que lhe pareceu belleza ou defeito: todos porêm o fizeram com urbanidade e indulgencia tal, que não só pinhorou o auctor mas produziu em seu ânimo o que infallivelmente produz sempre a censura bem-criada — o contrário das invectivas grosseiras que hoje são moda — desejo e impenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si proprio descobríra e de que se accusava.

N'este intuito releu o seu juvenil insaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e tractaria inteiramente em novo plano. Resolveu porêm não o fazer,

porque embora ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não ja a mesma: e intendeu ser quasi um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e titulo, uma composição differente da que ja merecêra, ainda que por insigne indulgencia, a sua incontestada approvação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o stylo, a supprir algumas não poucas defficiencias no desenho de varios quadros, a apperfeiçoar as côres de todos, inriquecendo-o e augmentando-o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que n'esta edição se publíca.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessarias á intelligencia do texto, ou uteis para illustrar alguns pontos de archeologia e historia litteraria, foram augmentadas. Repettimos que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmêro e cuidado: algumas pequenas incoherencias orthographicas são devidas á incerteza da medida legítima entre nós, que o auctor tanto tem forcejado por fixar, afferindo-a pelo seu unico typo verdadeiro e possivel, a etymologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Septembro
1839.

NA PRIMEIRA EDIÇÃO.

A indole d'este poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e que, se pelos principios classicos o quizerem julgar, não incontrarão ahi senão irregularidades e defeitos. Porêm declaro desde ja que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o stylo de Byron, que tam

ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os Francezes a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal ingenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, offusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico nem romantico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em cousa nenhuma); e porisso me deixo ir por onde me levam minhas ideas boas ou más, e nem procuro converter as dos outros nem inverter as minhas nas d'elles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu abhorreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos Lusiadas; os outros successos que occorrem são de facto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção' Tam sabida é a fábula ou inrêdo dos Lusiadas e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difficil ao leitor o distinguir no meu opusculo o historico do imaginado: mas não separará decerto muita cousa, porque das mesmas ficções que introduzi têem sua base verdadeira as mais d'ellas.

Sôbre orthographia (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, só os puz onde sem elles a palavra se confun-

diria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racionavel em Portuguez: o que tam facil e simples sería se a nossa academia e govêrno em tam importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de Fevereiro
1825.

Ao Illmo e Exmo Sr.

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT.

Son nom suffit à sa gloire

J. J. Rousseau.

Publicou-se ultimamente em París um opusculo que contêm algumas poesias de M.[lle] de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao auctor do poema Camões. Tentei traduzi-la, e eis-aqui a minha traducção tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadivas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro

1842.

José Maria do Amaral.

A M. DE ALMEIDA-GARRETT.

SUR SON POËME DU CAMÕES.

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
Consolé, radieux,
Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
Dans le temple désert as-tu porté des vœux?
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
S'ouvrit-elle à tes yeux?
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
Sur ton front pâlissant d'une terreur divine?
As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
Fuir ton genou tremblant?
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant:

AO SR. ALMEIDA-GARRET.

SÔBRE O SEU POEMA CAMÕES.

Cantor mavioso do Cantor do Gama.
Estro sublime em lyra alti-sonante!
Ao teu cantar se move e resuscita,
Ovante e ja sem mágoas,
D'ingrató sec'lo o bardo mal-prezado,
Heroe que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou?—Fizeste votos
No silencio da noite, em ermo templo?
E em teu orar que viste?—Erguer-se a campa
Do desprezado tumulo?
Ouviste echoar pela calada nave
Em graves sons cantar mysterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
Sôpro ligeiro, qual corisco ardente?
N'esse pavor faltaram-te, arquejante,
Os tremulos joelhos?
Viste, como esse que em delirios arde,
No ar coruscante scintilarem fogos?

XVIII

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!
Sur le char embrasé qui porte le soleil?
Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
Quand, fuyant le sommeil,
Tu chantais, attendant l'aurore au front vermeil,
Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,
Aigles! allez de front sur vos ailes géantes!
Dites vos fiers aieux au noir cap des tourmentes;
Bardes, vos chants sacrés
S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes,
Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant;
Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles
Brillent au firmament.
Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
Même encens vous est dû, même autel vous attend!

P. de Flaugergues.

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
Vinha do sol no carro flammejante?
Ou nas da noite pavorosas sombras,
Quando esquivado ao somno
Cantavas aguardando a rosea aurora,
Ou seguindo co'a mente a estrella d'alva?

Correi, correi de par, aguias gigantes,
Subi aos astros nas possantes azas!
Cantae vossos avós, os feros nautas
Do cabo das Tormentas:
Longe Deus lhes guiou as naus ovantes...
Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo ceu, são vossas harpas
Faroes eternos que dão brilho á patria;
Taes fulguram no Olympo essas, dos gemeos,
Fabuladas estrellas.
Co'as mesmas palmas inramais as frontes,
Reinaes no mesmo altar, co'o mesmo culto.

J. M. do Amaral.

CAMÕES.

CANTO PRIMEIRO.

Ésta he a ditosa patria minha amada,
A qual se o ceo me dá que eu sem perigo
Torne com ésta empresa ja acabada,
Acabe-se ésta luz alli comigo.

LUSIAD.

I.

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
—Mas dor que tem prazeres,—Saudade!

Mysterioso numen que aviventas
Corações que estalaram, e gottejam
Não ja sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lagrymas—Saudade!
Mavioso nome que tam meigo soas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bôccas dos Sycambros
D'estas alheias terras—Oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até ao triste, ao infeliz proscripto
—Dos entes o miserrimo na terra—
Ao regaço da patria em sonhos levas,
—Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar!—Celeste numen,
Se ja teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas, se piedoso
Em teus altares humidos de pranto
Depuz o coração que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsoffrido
Á foz do Tejo—ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Timido e acovardado entre os olmedos

Que as pobres águas d'este Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rôllas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II.

Vem; não receies a acintosa mofa
D'esta voluvel, leviana gente:
Não te conhecem elles.—Eia, vamos!
Deixa o caminho da infeliz Pyrene:
Taes mágoas, como ahi vão, poupa a meus olhos;
Assaz tenho das minhas.—Largo! aos máres:
Livres corramos sôbre as ondas livres
Do Oceano indomado por tyrannos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não poderam inda
Avassallar, destruir. Ahi d'entre as vagas
Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Brittannia, salve, flor dos máres,
Minha terra hospedeira, eu te saúdo!

Se ora pousando em tuas riccas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos
Que pelas ribas d'esse nobre Thamesis
Vivem á sombra da árvore sagrada
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelevel, e a voz não morredoura
Da amizade gratissima e sincera.

III.

Cérto amigo na angústia, que aos tormentos
Myrradores que a vida me intravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo que o gyro barbaro lhe impeça;
A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconfôrto, devo,
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repetem
Os ermos echos de extrangeiras gruttas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sôbre o escôlho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,

Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria e recordar do amigo.

IV.

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe
E fere os ventos que nas ondas folgam.
—'Terra, terra!' bradou gageiro álerta.
—'Terra!' echoa confusa vozeria
Da maritima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gôso e de esperança
Ao coração do nauta infraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a espôsa, os filhos, ou talvez a amante,
N'essa voz doce e grata lhe alvejaram.

V.

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se ve pullando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Ja contentes,
Um se affigura surprehender o amigo,
Outro á espôsa fiel cahir nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,

Ir inxugar as lagrymas afflictas;
Aquelle, entre alvoroços e receios,
Não ousa de pensar se ao pae infêrmo
Na descarnada mão rugosa e sêcca
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir,—ou se a ternura,
Se o amor de filho sôbre a lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulchro
Que em sua ausencia—tam longa—lh'o roubasse.
Qual da amada, que sempre foi constante,
—Ou sempre, ao menos, lh'a pintou de longe
A namorada idea—perto agora
Começa de temer que tal distancia,
Separação tammanha e tam comprida,
Novo amante mais perto...—Mas quem sabe?
Talvez...—E esse *talvez* é de esperança
Sempre querida, sempre lisongeira.

VI.

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensivel jaz: callado e quêdo,
Incostado á amurada, os olhos fitos
Tem n'esse ponto que negreja ao longe

Lá pela prôa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia * se projecta
Sôbre o fremente Oceano que na base
Tremendo quebra as inroladas vagas.
No gesto senhoril, mas annuviado
De sombras melancholicas, impresso
Tem o character da cordura ousada
Que os filhos innobrece da victoria:
Gesto onde o som da bellicosa tuba
Jamais a côr mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que invergonhára
Adamados de côrte, dá realce
Ás feições nobres do gentil guerreiro.
D'esses olhos que a luz ateou do ingenho,
Quem um dos lumes apagou?—A guerra
No campo das batalhas. Um que resta
Vivaz centelha, e avido se alonga
Á recobrada patria.—'Patria' disse
Em voz tam baixa, que a tomáras antes
Pelos echos do interno pensamento

* Os montes ou serra da lua, i. e. a de Cintra.

Fallando ao coração sem vir aos labios,
'Patria alfim torno a ver-te.'—E lacerando
Entre os labios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguia,
Recahiu na tristeza taciturna
De que a ídea da patria o despertára.

VII.

Gallerno e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Ja na terra,
Que a ôlho se avisinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem;—logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista
Dos arrelvados campos; depois vêem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo.—Tal observas,
Sob os pinceis de artifice divino,
Primeiro a incerta côr de vagas tintas
Que aos toques mestres, n'esse cahos d'arte,
Se desinvolvem claras, se aviventam;
Azula o ceo, altea-se a montanha,
Copa-se o bosque, escarpam-se os rochedos,
De amenas flores se recamam prados

Que pisam nymphas bellas... Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

VIII.

O sol descia rapido e já perto
De seu diurno termo, começava
A destingir no verde-mar das aguas
A açafroada côr de que se adorna
No occaso derradeiro. Leves gyram,
Do seguido baixel cruzando emtôrno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chamma,—as destemidas
De ferrea proa rapidas muletas.
Grosseiros parabens em brado rudo
Dos leves barcos soam: modulada
Ao rouco som das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como ellas.
—'Piloto!' gritam; e a um signal de bórdo
Do alteroso galeão, d'um salto pulla,
—Qual delphim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar—o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra fallador apito:

—'Ala... amaina!' Eis passada a estreita bôcca
Por onde seus tributos d'agua e d'ouro
Leva ao Oceano o rio d'Ulyssea.
Junto da tôrre antiga e veneranda,
—Hoje * tam profanado monumento
Das glórias de Manoel—ânchora desce;
E aos ingratos, inhospitos baloiços
Do longo velejar, succede o brando
Meneio da suavissima corrente,
Que no remanso de seguro pôrto
Tam doce é de sentir ao nauta exhausto
Dos repellões irados de Neptuno.

IX.

Á monotona grita compassada
Da festiva companha se ala o esquife
Ao bordo erguido, d'onde desce ás aguas.
Alegres,—como a noiva que franqueia
O limiar da paternal morada
No risonho cortêjo que em triumpho

* Em 1824. A tôrre de Belém foi restaurada em 1843. Vej. nota no fim.

A leva ás casas do anciado espôso,—
Ao pintado escaler velozes saltam
Dos passageiros a avida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

X.

—'Rema!' Da poppa, onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece á voz o remo;
E ao golpe certo resvalou d'um pullo
Pela corrente lisa o leve esquife.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Machinalmente ao sitio donde veio.
Quem viram n'elle? Um pallido semblante,
Onde á malaia côr requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros,
N'essas faces tostadas do sol d'Asia,
Brilham por entre as nevoas d'uma lagryma,
E parecem dizer na muda súpplica:
—'Oh! não abandoneis o pobre escravo!'

XI.

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só coisa á natureza deixam
Os habitos ruins que não pervertam:
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto afflicto do Indio supplicante
Dos remeiros contrai as mãos callosas,
E involuntaria a compaixão se pinta
No parecer de todos.—Mas não tarda
A suffocar a debil voz do instincto
O que chamaram *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reacção* dos habitos
Que um instante vergou a natureza.
—'Ávante!' clama o torvo mestre 'Ávante!'
Como que invergonhado do momento
Que involuntario ao coração cedêra.
—'Á fe que não' gritou c'o accento austero
Que tam bem fica aos labios da virtude,
Quando ante a prepotencia ousam de abrir-se,
'Á fé que não' bradou, e em pé se erguia
O nobre, melancholico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista,

'Incontrae a tomá-lo.'
—'O què, amigo?
Por vida minha, o que quereis ao Indio?
N'este meu escaler d'essa fazenda
Não levo a terra.'
—'Tal fazenda é ella,
Que d'esse estôfo a não vereis a miude.'
—'Gran' valor é o do escravo!'
—'É meu amigo.'
—'Amigo! amigos taes trazeis ao reino!
Ricco vindes da India.'
—'Ricco!... certo:
De feridas aomenos...'
Suspendeu-se,
Corrido das palavras que soltára
Deante de tal gente: a côr do rosto
Claro lhe indica o pejo que invergonha
O homem honrado se indiscretos labios
No calor da disputa lhe cahiram
Em reprehensivel gabo de si proprio.

XII.

No gesto do guerreiro se fixaram
Os olhos circumstantes; e o respeito

Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
Por aquelles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre não se corre
Do feito descortez: e os signaes tantos
Da desapprovação geral o irritam.
Rudas imprecações, que rudas soam
Como os calabres que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitam.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo.—Um movimento
De involuntaria cholera e despeito
Leva a mão do guerreiro malsoffrido
Da espada ao punho.—Olhou-o, e c'um surriso
Que parece dizer: 'Quem sôbre as ondas
'Vida de p'rigos vive, não infia
'Aos lampejos da espada'—só responde
O carrancudo mestre.—N'esses tempos,
Que heroicos chama o enthusiasta ardente,
Barbaros o philosopho, e que aocerto
Foram pasmosa mescla de virtudes
E atrocidades,—de honra e de crueza,
Era o sangue juiz de taes pendencias,
E ao defeito da lei suppria a espada.
Barbara usança!... porêm nobre ao menos.

Hoje que hemos soffrido de covardes,
Sem pejo, que nos roube a prepotencia
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada...
Degenerados netos, ousaremos
Nossos livres avós taxar de barbaros?

XIII.

Víra o Tejo suas aguas crystallinas
Roxas alli de sangue; e o breve espaço
Do curvo esquife não tivera as íras
Da mal-avença aos dous, se um podêr alto,
Tam forte quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
N'um canto do escaler, humilde e absorto
Em pensamentos que não são da terra,
Um velho, em que atelli não attentaram
Indifferentes olhos, se assentára.
Alvejavam-lhe as cans das longas barbas
No burel negro que lhe cobre o peito.
O tempo, que tam longo tem passado
Pela accurvada frente, lhe ceifára
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou: hoje o que resta,

—Raro respigo ao segador cahido—
Tira á côr baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se incovaram nas faces descahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
Á lampada que ardeu no tabernaculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Fallece á mingua d'oleo. A mão tremente
Em viageiro bordão arrima; e calçam
Nus os pés as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio.
Ricco de affrontamentos e trabalhos,
Vinha do longe oriente á occidua praia,
Não ao repoiso placido á velhice,
Mas a solicitar novas fadigas
Em recompensa d'outras. D'estes eram,
—Antes de se inredar em vans disputas
De orgulho e presumpção mais que mundana—
Os que n'Asia opulenta, Africa adusta
Levavam depós si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais sancta,
Que—tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado—
Jamais na terra appregoaram homens.

XIV.

Foi este o anjo de paz que em tal fermento
De azedas íras verteu mel suave
Da branda persuasão que as amacia.
—'Cavalleiro, essa mão na cruz da espada'
Disse grave e solemne o missionario,
'Quer dizer inimigo, á frente,—na aze*
Da batalha, em pendencia generosa
Pelo rei, pela patria...—Aqui amigos,
Christãos, mercê de Deus, somos nós todos
Quantos somos aqui. E ao ceo não praza
Que um cavalleiro portuguez arranque
Contra seu natural armas de sangue.
Perdoae as lhanezas de um soldado
Que cercos tambem viu, e jogou lanças
Com mouros e gentios:—n'este velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha tambem vestiu...—mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros,
Ou fóra d'ella a rufiões só cabe.'
—'Tam covarde não sou que a tal contrário...,

* Ala.

Balbuciou, serenando o cavalleiro:
'Mas'—e de novo a voz se lhe animava,
'Mas o meu Jáo fiel, o meu amigo,
Unico amigo!'
—'Honra-vos dizê-lo,
Honra-vos, cavalleiro' torna o velho,
'Que andrajos e pobreza vos não pejam,
E ousais chamar amigo ao desgraçado.
Mas, filho... mas, senhor, não ha bom feito
Que justifique um mau.'
Ao duro nauta
Voltando-se lhe diz:
—'Amigo, é justo
O que pede este nobre cavalleiro.
Duros de coração Deus não ajuda.
Que pésa o pobre escravo? Ir-me-hei a bordo,
E o meu logar lhe cederei com gôsto.
Que tem? Filho de Deus como nós somos.
Mal inroupado? Corações bem nobres
Incobre a miude o saio remendado.
Se o cavalleiro te offendeu, seguro
Que não é elle de negar o justo
A quem devido for.'
—'Não sou por certo:'

O guerreiro accudiu; e mal pesada
Tirou pequena bolsa:
—'Ahi tendes, mestre;
Poucos pardaus contêm... (Menos me ficam,
Talvez nenhuns...' em tom mais baixo e trémulo,
Quasi de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
'Porêm d'aqui á praia não vai muito,
E a passagem do Jáo...'
—'Guarda a tua bôlsa'
Ruda interpoz a rouca voz do nauta,
'Cavalleiro orgulhoso; tanto quero
Os teus pardaus, como a tua espada temo.
Mas este padre falla como um anjo;
E o que elle disse, é ditto. Atraca a bordo;
E abaixo o amigo Jáo.—Rema!'
D'um salto
O Indio na lancha; e a lancha em mores pullos
De oito nervosos braços compellida
Sobe do Tejo a limpida corrente.

XV.

Após o disputar veio o silencio,
Que em finda altercação, mal repoisado

O ânimo pede,—e aos na contenda extranhos
Por sympathia natural se estende.
Era então noite: rapidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas e a luz vacillam curtos.
A natureza, prodiga em beldades
Por tam risonhas terras, lhe ha negado
A magica illusão que os veos estende
N'essa hora de saudosos pensamentos
Sôbre os campos boreaes:—hora tam triste,
Mas de tal suavidade melancholica!
—Não te hão formado o coração no peito
As maternaes intranhas, se não ouves,
N'essa hora mysteriosa do crepusculo,
Uma voz que te diz: *Estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitaria amante,
O pae longe, o filhinho em terra extranha,
Imagens são que do vapor das terras
Amigas fadas no crepusc'lo formam,
E ante os olhos volteiam d'alma absorta
N'hora sagrada ao genio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro,
Entre o nada das cinzas,—quando a noute,

Qualquer que seja o angulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, n'esse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Albion gosei nos campos,
Quando no berço teu, bardo * sublime,
Inimitavel, unico, espraiava
Por infindas planicies d'alvo gêlo
Os desleixados olhos, e topava,
Ao cabo lá da vastidão, co'as cimas
Das elevadas grympas que se aguçam
Sôbre as arcadas simplices do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia;
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias acompanham.

XVI.

Mas quam longe
Me tornou a volver do Téjo ao Thamesis,

* Shakspeare.—Veja as notas no fim.

Cortado de memorias que o confundem,
O pensamento vago!—Escura a noite
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas tôrres da inclita Ulyssea.
N'aquelle puro ceo nem leve sombra:
Ausente era Diana e seu modesto,
Sereno brilho: mas, sem luz que as vexe
Com mais vivo fulgor, se esparze doce
O alvo lume das candidas estrêllas,
Que em tremulos reflexos pelas aguas
Do crystallino rio se espelhavam;
D'onde consoladora se exhalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
A alma brisa da noute, refrescando
Os corpos então aridos das chammas
Com que o touro celeste em furia ardia.
Raras começam a brilhar nas trevas,
Pelas estreitas gothicas janellas,
As veladoras luzes: accalmava-se
O vivaz borborinho da cidade,
E no socêgo placido da noute,
Pouco a pouco, insensivel se perdia.

XVII.

Ésta se abria magestosa scena
D'ante os olhos dos nautas que surcavam
Aureos caudaes do Téjo. Silenciosos
Se derramavam de olhos satisfeitos
Por quadro tam magnífico, e buscava
Cada qual, pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, alli acceso,
Descubrir o paterno, amigo tecto,
E o leve fummo que do lar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Apprompta a cara espôsa, mal cuidosa
Que hade aquinhoá-la o pae c'os tenros filhos.

XVIII.

Tam vivas se pintavam nos semblantes
Éstas ideas aos callados nautas,
Que lh'as leu n'elles quem taes pensamentos
Triste não participa.—Quem é esse?
O filho melancholico da guerra.
Leu-lh'as; e um sentimento quasi inveja...

Não é tam baixo—e amarga, oh! mais do que ella!
Lhe trouxe do mais intimo do peito
Um suspiro que morre á flor dos labios,
E suffocado ao coração reflecte.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho
Que esse ai lhe pungiu d'alma.—Quem soubera
Os mysterios d'esse ai! Quem revelára
Os segredos do incognito guerreiro!
Consome-o acaso a heiva da doença?
De mal vingada affronta a injúria o rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas d'amor?—Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo.
Espreitar indiff'rente os pensamentos
Que os labios do infeliz fecham no peito,
Curiosidade é van, mal generosa
E de ânimo insensivel: não exijas,
Se o pódes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não inxuga as lagrymas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX.

O escaler abicou na praia amiga,
E a suspirada terra emfim pisaram
Os desaffeitos pés. Quantas penurias,
Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado,
Este momento só, ésta alegria,
Oh quam sobejo as paga! O sentimento
Quasi devoto com que beja o nauta
As areias da patria, é porventura,
Na peregrinação da nossa vida,
—Se exceptuas a morte—o mais solemne.

XX.

Separaram-se; e foi caminho usado
Cadaum de seu lar. Ledos se foram...
Todos?—Não: tres diviso sôbre a areia,
A quem parecem vacillar na mente
As ideas penosas que accommettem
O viajante isolado em terra alheia.
São extrangeiros?—Dous. Que patria, longe

Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?
—Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
Um na infancia folgou: deu-lhe impia guerra,
Em trôco pela patria e liberdade,
Ferros de escravidão;—mas ha nos ferros
Vinculo ás vezes que té prende o ânimo.
Raro o caso verás; porêm não chora
O Jáo pelos palmares do seu ninho:
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo,
A seu senhor, amigo e companheiro.
—E ess'outro?—Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada: mas a frente,
Hoje de raras cans mal povoada,
Nem só das murtas se coroou da Alhambra;
Capellas de magnolia em mundos novos
Lhe deram sangüe e crimes... Crimes foram,
Que o socio de Cortez cubriu do sacco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da victoria descingida.
Pardo burel lhe roça a penitencia
Nos membros que luziram d'aço e d'oiro.
Voto solemne e zêlo d'outra glória
O levou d'alêm cabo das tormentas

Da aurora aos roxos seios.—Estes eram
Os que juncto ao guerreiro silencioso
Mudos como elle e quedos o fitavam.

XXI.

Longo o callar não foi: com passo trémulo
Do joven se approxima o ancião guerreiro:
—N'esta grande cidade ambos extranhos.
Somos, ao que parece.'
—'Extranho eu?... Quasi.
Sou e não sou extranho.'
—'Não me é d'uso
O metter mão curiosa nos segredos
De quem os tem.'
—'Segredos não n'os tenho:
Sou portuguez, e de ser tal me... prézo.'
—'Mas de Lisboa não?'
—'É minha patria.
Desejais saber mais?'
—'Minhas perguntas,
Cavalleiro, não são de curioso;
Outra vez o repito: um pobre monge
Tem uma pobre cella e magra ceia,

Mas ambas offerece d'alma e gôsto.
É tarde; e se outro hospicio á mão não tendes,
Sereis bem vindo a um gasalhado humilde
De quem melhor, a tê-lo, o offerecêra.
Má noite passareis; mas um soldado
Não teme estrados maus nem leitos duros.
Soldado fui tambem: ser-me-ha ventura
Em meus quarteis d'hynverno receber-vos.'
—'A cortezia é de ânimo sincero;
Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
Mas um desconhecido, e porventura
D'ella não mer'cedor, deve acceitá-la?'
—'E porque não, se lhe é mister e a préza?'
—'Conheço...'
—'A noite passa. Horas são éstas
Improprias de ir buscar outra pousada.
Se vos não peja de acceitar a minha,
Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre
É, ja vos disse; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros alvergaram.'
—'Ancião venerando, sou comvosco:
Honra-me, não me peja a offerta amiga.
Uma só coisa... Nada. Eu já vos sigo.'

XXII.

Á parte chama o escravo, e da pequena
Bôlsa tirou porção pouco avultada
De seu modico haver.—'Busca poisada
Para ésta noite; e ámanhan bem cedo...'
—'O que fazeis, senhor!' acode ancioso
O velho que os intentos lhe percebe,
'O que fazeis, senhor! Sou eu mais barbaro
Que o mestre do galeão? Pude com elle
Que de um servo fiel não separasse
O senhor generoso, e havia agora
De fazer eu peior! Invergonhais-me...
Offendeis-me talvez. Amigo, vinde,
Segui vosso bom amo: para todos
Em nossa humilde casa ha tecto e abrigo.'

XXIII.

Ao Jáo fiel cahiu de puro gôsto
Uma furtiva lagrima que havia
Rebentado de timido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tammanhas ruas
A quem?...—Ninguem conhece o pobre escravo.

CANTO SEGUNDO.

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, a côr murchada,
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

LUSIAD.

I.

Que sons descompassados troa o bronze
Nas tôrres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos huivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pallidas? Que funebres
Alas são essas de homens todos lucto,

De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hymnos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um atahude a fecha.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distincções queres pleitear ainda
Na egualdade terrivel do sepulchro?
Desingano da morte, es tu acaso
Outro sonho dos miseros viventes?
Quem desinganas tu?—Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Infiar a porta maxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do psalmear monotono lhes trouxe
A gemedora viração da noite;
E o ar pelos ouvidos lh'estremece
Com o dobrar das campas desintoadas.

II.

Ruin agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria! Não se pôde

Conter do involuntario pensamento
O portuguez viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece á vista
D'um gelido cadaver; costumados
A ver a face pallida da morte,
As agonias roxas, e o tranzido
Suor do passamento,—não se movem
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra
Não sei quê tam solemne e grave e augusto
De um funeral entrando a passo lento
Ás portas do jazigo, que essa pompa
Triumphal da morte, do mais duro peito,
Ao gesto mais tranquillo traz de fôrça
Contracção impossivel de incubrir-se.
Não lhe chamo terror, nome lhe assignem
Qual queiram mais, que o sentimento d'alma,
A impressão natural é sempre a mesma.

III.

D'esta commum fraqueza—se tal era—
Não foi isento o Luso;—e porventura
Um presagio de incognita desgraça,

Presentimento vago e mal distincto
De não sabido mal, se uniu áquella.
O Jáo supersticioso, como é de Indios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu á esquerda, e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo:
—'Á esquerda, á esquerda,
Meu senhor, não incares um finado
Em sua última viage: ha mal em vê-lo
Face por face.'
—'Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridiculos.'
—'Embora,
Embora: mas na India...'
—'Não prosigas.'
—'E que ha' disse, apontando para o feretro
Que entrava a egreja então, o missionario,
'Que ha tam medonho e mau n'esses despojos
Da passageira vida? Um tronco sêcco,
Pelos ventos do outomno despojado
Do viço e folhas,—tenda abandonada
Pelo viandante que voltou á patria.
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.'

IV.

Chegavam aos cancellos do convento,
E o missionario disse:—‘Cavalleiro,
Da casa do Senhor aberta a porta,
Não passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças off’recer-lhe.
Cuido me seguireis: o humilde cantico
De nossa gratidão irá junctar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lh’o impedem
Superstições e medo, fique embora
E nos aguarde o escravo.’—Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V.

Fôsse terror, ou sentimento fôsse
De mais occulta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros.
Elle, que tantas vezes ha rompido
As cerradas fileiras,—que á guardada
Brecha se appresentou com rosto frio,
E a entrou sem vacillar!—Oh! que ente és, homem,
Incomprehensivel tu!—Do templo em meio,

Alto e funereo estrado se levanta,
Negro da côr dos tumulos. Emcima
Poisava um atahude. Alva capella
De quasi murchas, desbotadas rosas
Indicava que a victima da morte
D'hymeneu illibada succumbíra.
Pesados luttos e arrastrados fummos
Cubriam, perto, amigos e parentes
Funebre silenciosos. Arde emtôrno
Renque de brandões pallidos; e affummam
Do imbalado thuribulo os vapores
Da resina sabea. Echoa o templo
Co'as tremendas notas d'esses hymnos
Que, na solemne entrada do sepulchro,
Terrivel canta a egreja,—quasi um echo
Da profundez do abysmo, que reflecte
Pavoroso na terra.—A ponto entravam
Os viajantes no templo quando o côro:

—'Tedio da vida concebeu minha alma;
E é fôrça que desate a propria lingua
Contra mim mesmo,—e desabafe o peito,
A amargura fallando de minha alma.'

'Direi a Deus: não me condemnes, ouve-me.
Porque assim me julgaste? Acaso é digno
De ti calumniares-me, avexar-me,
A mim que sou das tuas mãos feitura?

'São teus olhos de carne como os d'homem?
Como elles ves e julgas?—Porque ao dia,
Do carcere materno, me has trazido?
Oxala que eu não visto perecêra
De ôlho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fôsse,—trasladado
Do ventre á sepultura!'

'O escasso número
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, á tenebrosa
Terra que a escuridão cobre da morte:
Terra de mingua e trevas, habitada
Pelas sombras da morte,—onde mais ordem
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma.'*

* Job, cap. x.

VI.

As vibrações da musica, as palavras
Não menos fortes, o logar, a hora,
A grinalda de rosas sôbre o tumulo,
Porventura ignoradas circumstâncias
Que ás sombras d'este quadro dão relêvo
Com mais fortidão n'alma, tudo a um tempo
No predisposto cerebro, de embate,
Violento abalo deu ao Lusitano.
Os cabellos na frente se ouriçaram,
Como selva de lanças se ergue subito
Ao grito alarma em dia de batalha.
O coração parou-lhe,—e o corpo turgido
Pesou sôbre os joelhos, que vergaram
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza invergonhado,
Baixa o rosto, e se incosta á balaustrado
Do côro que por caso tem deante.

VII.

Ou não sentiu, ou de sentir não morta
A turbação que o espirito aliena
Ao companheiro seu, o missionario:

Juncto d'elle ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

VIII.

Findava o canto lugubre das preces:
Quatro inluttados cavalleiros sobem
Os degraus do moimento; da eça tomam,
Levam nos braços o atahude, e descem.
Todo o cortêjo, murmurando os psalmos
Das rogações extremas, se incaminha
Em passo lento á lateral capella
Que ornam vasados, gothicos pilares
De marmore tam negro como as vestes
Dos inluttados vultos que os rodeiam.
Da procissão ao cabo, os anojados
Levam de uma das mãos o triste pêso,
Co'a outra sôbre os olhos segurando
O usado emblema de dorido choro.*

IX.

Juncto ao guerreiro ajoelhado, passa
O insensivel objecto d'essa pompa.

* Choradeiras: uso que inda prevalece na côrte.

Fôsse caso ou tenção, n'este momento
Alevantando a face descahida,
Co'a vista no visinho cavalleiro
Deu... estremece... ao atahude os volve:
Ja longe o levam;—mas viu inda escudo
De conhecido emblema no arremate.
Ceos! que viu!...—A coroa d'alvas rosas,
N'esse instante um baloiço descontrado
Dos cavalleiros, a desprende,—rólla
Por terra, e juncto d'elle pára...
Ávante
Foram: ninguem n'essa grinalda attenta
Que desprendeu do feretro o acaso.
Acaso foi?—Mysterios ha na campa
Que em tradições de seculos fundados
Me travam da razão: cre-los não ouso,
Mas desprezá-los... tambem não:—pensava
O atribulado, incognito guerreiro...

X.

O cortêjo passou...—e a c'roa funebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
E olhos, que desvairados a contemplam,

Parecem perguntar-lhe:—'Flor de morte,
Em que pallida frente has tu pousado?'
Quem lhe hade responder? Em breve a loisa
Se fechará,—como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lagrymas de afflictos,
Nem suspiros de tristes lhes aventam
Luz de esperança minima.—Segui-lo,
Antes que o cerre a campa, esse atahude
Em que talvez... Ó barbara incerteza,
Terrivel, cruellissima! E terrivel
A verdade será... Mas antes ella.
Corre ao sítio onde viu encaminhar-se
O funeral; o som das vozes segue,
Entra a capella escura.—Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lampada que ardia
Longe no mor altar, só la reflecte
Tanto de claridade quanto as trevas
D'esse recinto funebre amostrasse.

XI.

Foi sonho quanto viu! visão phantastica
Toda a funerea pompa, o canto, o feretro

E essa fatal grinalda!... Ei-la, na dextra
Segura ainda a tem.—Escuta: uns echos
Sotterraneos,—como hymnos de finados
Por noute aziaga em cemiterios, se ouvem.
Inclina attento a orelha; um passo ávante...
Tropeça... Em quê?—N'uma revôlta loisa.
Aberta está a porta do sepulchro.
Um tenue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abysmo; os degraus ultimos
De humida escada ve: descerá?—Desce:
Na estancia entrou das gerações extinctas.

XII.

Terra esquecida ahi jaz, ahi moram cinzas
Por que em vão fallam epitaphios, lettras.
Sôbre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude ou de heroismo
Tua passagem n'ella assignalaram?
Nenhum? Inteiro ao tumulo desceste,
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pyramides;—embalde!
Livra o marmore só do esquecimento:
É a memoria do prestante feito

Que as edades lembradas vão guardando
De geração em geração na terra.

XIII.

Ei-lo vai, entre as tacitas phalanges
De infileirados ossos caminhando
O atonito guerreiro;—ao cabo extremo
D'esse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortêjo de dó que hóspede novo
Traz á morada eterna. A ponto o feretro
Ia baixar ao perennal incêrro
D'onde o não moverá senão a tuba
Terrivel, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave
Laçada em fummo negro, um cavalleiro
Tinha na mão: o mais illustre esse era
Ou o mais anojado:—uso sabido,
E venerada práctica dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos
Verão a face livida do morto
Que ao final poiso desce. Despedida
Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo

Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus incerra!

XIV.

Ja vacillante mão abre o atahude...
Amortalhavam candidos vestidos
O corpo ainda airoso d'uma dama
Não morta no botão d'annos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tam delicada não, porêm mais bella.
Velada a face tinha; mas conhece-a...
Quem? o guerreiro... quem? o seu amante.

XV.

Ceos! elle mesmo, elle!—Precipita-se
Sôbre o cadaver... ergue o veo...—'Natercia!'
—'Natercia' d'echo em echo repetiram
Os echos dos moimentos, acordados
Do somno sepulchral. Estremeceram
Os do cortêjo, e atonitos contemplam
O incognito.—'É elle' uma voz disse;
—'É elle' emtôrno remurmuram todos.

XVI.

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funcções todas ao guerreiro;—em terra
De mortos semimorto fica. Emtanto
Deu a volta fatal e derradeira
A chave do atahude; cai a lagem
Sôbre a bôcca do tumulo.—A existencia
Se esvaeceu... começa a eternidade.

CANTO TERCEIRO.

> Por meio destes horridos perigos,
> Destes trabalhos graves, e temores
> Alcanção os que são da fama amigos
> As honras immortaes e graus maiores
>
> LUSIAD.

I.

—'Ah! meu senhor... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos.'
—'Socegae, amigo;
Deixae-o repoisar: somno propício
Ja lhe accalmou o sangue; e mais tranquillo
D'ânimo acordará.'—Submissas vozes

Murmuravam assim em baixo accento
Juncto do leito em que prostrado e placido
Por benigno Morpheu jaz o guerreiro.
De rouxas violetas se toucava
No horisonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade tenue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando,
Á morredoura luz de exhausta lampada
Vinha junctar sua luz na humilde cella
Onde este curto dialogo passava.

II.

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do apposento as paredes guarneciam.
Sôbre uma banca de egual custo e obra
Poisava antiga cruz d'onde pendia
Agonizante o Christo: lavor fino
Que no indico dente a mão devota
D'um neophyto d'Asia executára.
E fôra dom do grato cathecumeno
Ao que nas aguas mysticas do Ganges,
Por novo rito e lei, lhe consagrára
Antigas abluções. Unico um livro

De pesado volume aopé do lenho,
O livro dos christãos: dois ferreos broches
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado
Da parede, infummado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, á infancia da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tinctas fieis d'essa virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão.—Dispute em nomes
Quem de palavras cura: o homem sincero
Sem vaidades de lingua, obra e não falla.
Pintado estava alli um nobre velho
Que a angelica belleza de sua alma
Toda tinha no rosto retrattada.
Alvo-negro saial o ancião vestía;
Juncto d'elle, de pennas variegadas
Cingido a frente e rins, imberbe um homem
De bronzea tez, jazia malferido.
Convulsa a dor em contracções se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lagryma essa nuve' imperceptivel
Que rara os cobre,—não lh'a choram dores,
Mas de sensivel gratidão desliza.

Lettra o painel não tem; mas claro amostra
Novo Tobias[1] no hemispherio novo.

III.

Do habitador da cella amigo e mestre
Las-Casas fôra, quando guerra injusta
Seu braço d'impio ferro outrora armado,
Levou cruel aos povos mal defesos
Que ajoelhavam pavidos, devotos
Ante homens numes, dos trovões senhores.[2]
De tal amigo o commoveu o exemplo.
Pensada reflexão, não voto incauto,
Extorquido á fraqueza ou cega infancia,
Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV.

Mas ja no leito o adormecido acorda.
Seus mal abertos olhos se descerram
Ao primeiro luzir do sol, que é nado

[1] Las-Casas.

[2] Verso de Filinto Elysio.

N'este momento, agora: froixamente,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo apposento. Como quem se affirma,
Um e outro dos dous que o acompanham
Fita admirado, e a modo que procura
Reconhecer feições que ha visto algures:
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez e outra vez, dá parecénças
De querer ajudar o involto cerebro
A desligar ideas mal distinctas.

V.

Assim ao que tomou gelado spasmo
Toda a apparente vida, os membros rijos,
Sem côr os labios, prêso o sangue... é morto:
Ergue-se o carpir d'orphams, da viuva...
Ja no sudario involto, ja nas andas
Os doridos amigos o conduzem
Á morada dos findos... Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, ás veias;
Longes de esvaecida côr lhe tingem
Os beiços... pestaneja froixa a palpebra...

Abre os olhos.... que atonitos duvidam
Se inda é mundo o que vêem.—Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI.

Risônho e com socêgo appropriado
A socêgo inspirar, lhe disse o monge:
—'Bons dias, cavalleiro; em pobre cama
Riccos somnos se dormem—diz o adagio,
E hoje o provastes bem. O sol já nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,
Ás preces matinaes me chama ao côro.
De refeição tereis mister; sadia,
Se não mui exquisita, vou buscar-vos.
No emtanto levantae-vos: pouco tempo
Do vosso Jáo fiel na companhia
Vos deixarei: não tardo.'
—'E aonde... estamos?
Não me recordo...'
—'Estais em casa amiga.
A nossa cella é ésta: socegae-vos.
Atribulado ha sido vosso espirito:

Inseparavel condição da vida
Padecimentos são; todos penâmos.
Mas a constancia é a virtude do homem,
E a paciencia a do christão. Mais largo
Conversarêmos logo: a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Porora conservae tranquillo o ânimo:
Breve aqui sou.'

VII.

E cobre o manto, e parte.
O silencio o seguiu; e o tardo piso
Apenas se escutava das sandalias
No longo dormitorio resoando.

VIII.

—'Devo' dizia o incognito guerreiro,
Quando, á volta do côro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhan tomavam:
'Devo a tam bondadoso e terno amigo,
Ás sollícitas penas e cuidados
Que vos hei dado, confissão sincera...
Quero explicar-vos o successo estranho

Que hontem presenciastes; — e do escandalo,
Se a meu pezar o dei, perdão vos peço.'
—'Demasiado avaliais fracos serviços.
O segredo é a ricca joia d'alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais íntimo. Guardae-vos
De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança intendo)
A qualquer que surrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Embarda os achareis...—oh! perdoae-me,
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos
É minha edade—se prestar-vos póde
Este nada que valho, se ajudar-vos
De obra ou de aviso imaginais que posso,
Ouvir-vos-hei de gôsto e de vontade.
Sou vosso amigo, sou: próvas nenhumas
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisivel *quê*, essa lei mystica
Que attráhe o coração d'um ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Mossambique

Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me:—'Segue esse homem,
Deves amá-lo, é infeliz e honrado.'

IX.

Do Lusitano ao descorado gesto
Esvaecido rubor assoma,—e foge,
Qual foge aos olhos o lampejo rapido
Da trovoada longinqua.—Um tanto a face
Descahiu sôbre o peito amargurado,
E com voz, firme não, porêm serena,
Disse:—'Luiz de Camões tinha um amigo
Unico só na terra.—Não te escondas,
Meu fiel companheiro: um feito honrado,
Generoso te peja?—O pobre Antonio
Foi atequi, senhor, o unico vivo,
Unico ser na face do universo
Em quem meu coração achou abrigo.'

X.

Pelas faces do escravo, baga a baga,
Internecidas lagrymas cahiam,

E o peito suffocado comprimia
A custo grande o soluçar que o arfava.
Não póde mais: aos pés se deita do amo,
E sem conter o chôro:
—'Oh! não me digas,
Não me digas, senhor, que sou amigo.'
—'Não o diga! Porquê?'
—'Porque isso parte
O coração do escravo. *Amigo* é falso.
Os de Macáo, de Goa e Mossambique,
Todos faltaram; e eu fui sempre...'
Corta-lhe
Um mar de pranto a voz.
—'Tu foste sempre
O meu fiel Antonio.'
Humedeceram-se
Os olhos do guerreiro; e como a effeitos
De sympathico influxo, ao velho austero
Pelas rugas das faces deslizaram
Gottas de suave, internecido pranto.

XI.

Serena a reflexão commoções d'alma,
O Lusitano continúa:—'Certo

Que has ditto bem: tam profanado e abjecto
De amigo o sancto nome hão pôsto os homens,
Que mal sei eu se injúria ou honra é elle.'
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois, volvendo-se
Menos afflicto ao missionario, disse:
—'Embora! pois que emfim tenho incontrado
Consolação tam doce a minhas mágoas.
O meu nome—inda mal! bem conhecido
Por esse novo imperio do oriente—
É Luiz de Camões. Em tenros annos
Ancia ardente de glória e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,
Mais nobre... e mais funesta—me levaram
Ás africanas praias, dura eschola
Da portugueza mocidade. Alegre,
Que me surria então verde esperança
No inganoso porvir,—entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre.
Paternas mãos as armas me cingiram.
Oh! pae tinha eu ainda... Honrado velho,
Na vereda da honra me puzeste;
Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII.

'Ah! se um filho que ha visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquella voz que o acariciou na infancia,
Bradar-lhe: 'Ávante!'—aquelle braço amigo
Que o imbalou nos dias da innocencia,
A appontar para a estrada da victoria;
Oh! se a tal homem covardia póde
Entrar no peito vil... Não é possivel.
Eu apprendi a combater com elle,
Lembra-me o dia—porventura o maximo
De minha vida, se hontem, se outro ainda
Nos de minha existencia não contára—
Quando no estreito * a barbaresca frota
Nossas naus victoriosas derrotaram.
Era a minha primeira lição d'armas,
Foi a primeira vez que o mauro alfange
Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
Juncto a meu pae—á frente o viram sempre...
Sôbre o imigo baixel a panno cheio

* De Gibraltar.

Cahia a nau de seu commando...* Um silvo
De peloiro soou.—Mirado a elle
Certeiro mouro tinha.—Estendo o escudo...
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
A balla resvalou,—e ja sem fôrça,
Leve aqui me feriu na sestra face,
E fria aos pés me cai.'
—'Leve ferida
Que um dos olhos!...'
—'Oh! dous nos ha dado
Liberal natureza.—Que vale isso!
Salvei meu pae.'

XIII.

—'Voltei por fim á patria
Outra vez de esperanças illudido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiveram,—nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,
Que jamais o offendi, jamais.—Se é offensa
Ter olhos para ver a formosura,

* Historico.

Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faíscas d'esse amor; se o dom da lyra
—Di-lo-hei funesto ou chamar-lhe-hei ditoso?—
Que me outorgára o ceo, votei ás aras
D'esse amor que foi unica ventura
De minha vida,—unica, innocente
Causa de meus acerbos infortunios,
E agora...'
Sôbre o peito a dextra apperta,
Como em chaga dorida a mão do infêrmo
Para accalmar a dor; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteiam.

XIV.

—'Se é crime' continuou 'ter alma e vista,
Foi essa a unica offensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde.* Por má sorte,
Laços fataes de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objecto.

* O Conde da Castanheira: veja nota no fim.

O nascimento egual, a egual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça impederniu seu duro peito:
E o soldado só de honra herdeiro ricco
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se invileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV.

'Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pae.—Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingua o resto d'elle,
Meu pae, de pura mágoa e de despeito,
Fenecêra em meus braços.—Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

XVI.

'De taes ideas combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,

E os olhos desvairados estendia
Por essa majestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis que as riccas páreas,
Que os tributos do oriente véem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se inlevava nas glórias, nos prodigios
Que a tam pequeno canto do universo
A metade da terra avassallaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges invergados
De tropheos portuguezes; via o nauta
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros, as muralhas prostram
Do ricco Ormuz, da próspera Malaca,
E da soberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os reis de Siam e de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares

Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões,—dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho
Por quem não correm lagrymas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII.

'D'esse pae venerando—esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma!—
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e d'honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpor, veredas novas
A descubrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,

E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles.—E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado?—A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra aopé da campa;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava.

XVIII.

'Ingrata... ingrata patria!—Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do templo *
Que a piedade e fortunas appregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmêro d'artes
Protegidas d'um rei que soube o preço
—Alguma vez ao menos—ao talento,
Á lealdade, ao valor, ao patriotismo.
—Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

* Egreja do convento de Belém.

XIX.

'Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. N'aquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas
Columnas, as abobedas altivas,
As palmas, as cordagens inlaçadas,
E o signal sancto que as remata e une,
E que por toda a parte está marcando
As victorias do Lenho triumphante,
O vexilo da glória portugueza,
Nunca, nunca tam alto me clamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esfôrço humano
Não fariam jamais os portuguezes
O que hão feito no mundo... Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do monarcha affortunado.
Affortunado em vida;—a morte, fecha-lhe
Sêllo do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sôbre os degraus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente inclino,

E descabi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez sería natural effeito
De agitados sentidos, porventura
Mui credulo serei... mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

XX.

'Oh! sonho não foi esse.—Affigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal imbaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceus:—foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular—qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,

Tomando foi. Ja claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sôbre o peito c'o indice appontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettrei: *Amor da patria.*

XXI.

'Da maravilha como por incanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi:—'Joven ousado,
'Grande imprêsa te coube,—acerba glória,
'De que não gozarás! Desgraças cruas
'Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.
'A patria, que foi minha, que amei sempre,
'Que amo inda agora, gran'serviço aguarda
'De ti. Um monumento mais duravel
'Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.

'Pyramide será por onde os seculos
'Hãode passar de longe e respeitosos.
'Galardão, não o esperes.—Fui ingrato
'Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
'E a quem!—Maiores de meu sangue ainda
'Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
'É teu destino celebrar seu nome.
'Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
'As queixas do infeliz. Segue ao oriente,
'Salva do esquecimento essas ruínas
'Que ja meus netos de amontoar começam
'Nos campos, nos alcaceres de glória,
'Preço de tanto sangue generoso.
'Um dia...—Emvão perante o excelso throno
'Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
'A sentença fatal tem de cumprir-se—
'Um dia inda virá que, invillecido,
'Esquecido na terra, invergonhado
'O nome portuguez...—Oppróbrio, mágoa,
'Dura pena de crimes!—tábua unica
'Lhe daras tu para salvar-lhe a fama
'Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
'Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
'Como o incerado rôllo sôbre as aguas

'Unico leva á praia o nome e a fama
'Do perdido baixel.*—Parte. Salvá-lo!
'Salvá-lo, em quanto é tempo!—Extincto... Infamia!
'Extincto Portugal... Oh dor!...'—Rompeu-lhe
O derradeiro accento d'estas vozes
Em som de pena tal e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei; ja nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fôra.

XXII.

'Dir-vos-hei que serena a mente e placida,
Que as ideas distinctas conservava,
Não como é d'uso ao despertar d'um sonho?
Fe me não prestareis: mas em minha alma
Tam claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana coisa,
Que, sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presupposto de seguir meu fado,

* Veja nota a este verso, no fim.

E ás descobertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória promettida
De ingrandecer o ninho meu paterno.
Uma só coisa,— confessá-lo é fôrça,
Mas que dizê-lo peje—accobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras lá tam longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp'ranças, nem aomenos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura e ferida n'alma se travavam
Batalha, amor e patria. Amor vencia
Quasi... não triumphou...'

XXIII.

Aqui chegava
O contar de sua historia, quando á porta
Da cella redobrados golpes batem.
O missionario abriu; um pagem moço
E de custoso dó ataviado
Uma carta fechada a fio negro
De seda traz.
—'Um cavalleiro busco

Hontem da India vindo.'
—'Hontem chegaram
Os galeões da frota: cavalleiros
Muitos viriam.'
—'Sancta-Fe se chama
O galeão; e o cavalleiro... Lede.'
Do pagem se approxima o Lusitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No sobrescripto leu que assim dizia:
A Luiz de Camões—logo *Escudeiro;*
Mais abaixo—*Em mão propria.*
—'Intregae, pagem:
Sou esse. De quem vem?'
—'De quem não manda
Mais palavra que as lettras vos não digam.'
Corteja e parte logo.—Que será?

CANTO QUARTO.

Ja a vista pouco e pouco se desterra.
Daquelles patrios montes, que ficavão;
. . . .
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas la deixavão;
E ja, depois que toda se escondeo.
Não vimos mais emfim que mar, e ceo.
Lusiad.

I.

—'Quem não teme ir de incontro a seu destino,
'E provar-se homem... nas desertas rocas
'Do castello mourisco, sôbre a serra
'Da Lua, achará premio, o maior premio!
'E castigo tambem de sua audacia.

'Ámanhan no expirar da luz.'—A carta
Mais não dizia.—'Qual estranho enigma!
Premio, castigo a mim!... A mim! Duvidam
Se tenho coração!... Exigem próvas!
Quem? Para quê?... Irei? Porque não?...Vamos.
Espera-me talvez a hora querida
Da vingança... Ámanhan?... Ámanhan!... hoje.'

II.

— 'Irei, sim' rompe o vate, continuando,
Alto, o discurso que atélli na mente
Comsigo meditando revolvêra,
'Irei, sim. Não achais que devo, amigo?'
—'Deveis o quê?'
—'Ir.'
—'Onde?'
—'Onde é meu fado.'
—'Quereis dizer á côrte? Ouvi que a Cintra
Se fôra elrei com o conselho e cabos
Principaes do exército. É voz pública
Que hãode ahi resolver graves projectos
D'alta valia: mas...'
—'E que me importa

A mim côrte e conselho? Outros motivos
Tenho, outras razões...'
—'Tenhais embora.
Mas, ja que estais na côrte, ou perto d'ella,
Avisado sería approveitar-vos
Da occasião. Por bôcca anda de todos
Que do joven monarcha se prepara
Nova jornada ás costas africanas.
Em bem a fade o ceu!'
—'Dizem-no? É certo?
Um mancebo inexperto, unica esp'rança
Do reino, que, inda mal! ja tanto inclina
Da primeira grandeza!—Ah! confiança
Tenho que inda haverá n'esse conselho
Um portuguez que portuguez lhe falle,
E com a respeitosa liberdade
Que é nossa natural e um bom rei préza...
Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho
Dara sempre o que, ao da-lo, se arreceia
Da verdade que diz.—É tarde, é tarde;
Fomos, não somos ja.' Continuaram
Em prácticas eguaes os dous amigos;
Mas o Luso, a quem n'alma se alevantam
Ideas que as da patria suspenderam,

D'est'arte diz: —'Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei: cobre-o mysterio
Com veo impenetravel. Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras.
Quem sabe?—acabará por ésta agora.
É de fracos temer, mas de prudentes
Acautelar-se é lei. Meu haver unico,
Todos os meus thesouros são um livro.
Pouco valor,—nenhum tem por ventura;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fructo. Escripto em partes
Com lagrymas ha sido, e bem podéra
Com sangue em muitas. Sôbre os calvos serros
Das montanhas, nos valles deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruido das procellas,
Ao dos grilhões nos carceres,—contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a imprêsa ardida
D'este livro que tanto me ha custado.
Ja náufrago nas aguas d'esse rio
Onde tudo perdi, de um braço a vida,
Nadando, ás ondas confiei revoltas,
Para no outro o salvar.—Este depósito

Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim... quem sabe? acaso
Util poderá ser á minha patria.
Ella, e o seu amor, todo o inspiraram,
Á sua glória inteiro é consagrado.'
—'Tam longa viagem, tam p'rigosa é essa?'
—'Longa não; perigosa... Eu sei? Não, certo.'
—'Quando intendeis partir?'
—'Eu? ésta noute.'
— 'Assim que, em nada mais servir-vos posso...
Nem ja de vossa historia interessante
Ataremos o fio?'
—'Oh! sim: nem longo
Será elle.'
Suspenso alguns momentos,
Como buscando, entre outras, uma idea
No tumulto confusa, assim prosegue:

III.

—'Fallei-vos, se a turbada phantasia
Me não ingana, da tenção tomada
Por quasi inspiração—vão sonho acaso.
Com pensamentos taes sahi do templo:

Escondia-se o sol d'alêm dos montes
Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
Parecia no azul dos ceus tranquillos
Infante a lua, como o arco eburneo
Que ao numen que n'esse astro affiguraram,
Deram antigos vates. Mais sereno,
Mais bello pôr de sol jamais o hei visto
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitaria praia respirando
A fresca viração que mal das aguas
Leve increspava a superficie apenas;
Uma voz me chamou,—voz que em meu peito
Ouve inda o coração—voz doce e meiga,
Que nunca mais... oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos...—volvo o rosto:
De baixa gelosia me acenava
Com um candido veo, mais nivea e candida,
Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento
O veo cahiu, e a dextra desparece.

IV.

'Ergui-o palpitando: um nó o atava.
Trémulo o desabrocho—era oiro puro,

Oiro d'aquellas tranças tam queridas,
Ricca joia d'amor. Co'a doce prenda
Vinha um bilhete: abri-o, li:—'Roubado
'Foi este instante a barbaros tutores.
'Insensatos! vigia mais do que elles
'Amor, que póde tudo. A minha glória,
'Pu-la em teu coração; minha ventura,
'Minha vida, o meu ser de ti confio.
'Parte—é fôrça partir...—Ausencia dura,
'Separação cruel só póde unir-nos.
'Sai a frota ámanhan; vai allistar-te.
'Campo no oriente a grandes feitos se abre.
'Volta com nome tal que tudo vença.
'Eu viverei de lagrymas...—Embora.
'Mattar-me-hão saudades...—Não, não hãode.
'Ver-me-has ainda; um anjo hontem m'o disse
'N'um sonho tam feliz!—Era eu vestida
'De riquissimas gallas... e alva c'roa
'De rosas me toucava... tu a um lado,
'Triste—não sei por quê, outros de lutto:
'Não me admirou, que nosso amor não querem.
'E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
'Tammanho se fara teu nome e glória,
'Que encha o universo.—Vai: adeus!... Terrivel,

'Amargo adeus é este... Não importa.
'Parte... e jamais te esqueças...'

V.

'Uma lagryma
Delíra o mais das lettras;—quente ainda
A senti no papel...—Mudo e sem vida
Horas longas fiquei parado, extatico,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute;
Agua acima passava uma falua:
Bradei, accodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde,
Da poppa d'um galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra;—alfim o ceu e as aguas
Sos com minhas tristezas me ficaram.

VI.

'Prospero o vento foi. Por esses máres*
Que humana geração jamais abríra,

* Lus., canto V, desde a est. 3, até 10.

Seguindo fomos o atrevido esteiro
Do grande Vasco. Á sestra nos ficavam
As mauritanas varzeas tam regadas
De sangue luso. Vimos a frondosa,
Vecejante Madeira, a primogenita
De nossas descubertas, e a mais bella
De quantas pelo Atlantico dispersas
O generoso Henrique adivinhára.
Massylia esteril, e os queimados serros
D'onde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsinario cabo vendo,
Que Verde em seu extremo appellidâmos.
Vimos tambem as Fortunadas[1] ilhas,
E entrando as que d'Hesperio o nome tomam,[2]
As orientaes costas africanas
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As riccas páreas do caudal luzente.
As Dorcadas[3] passámos, que dos silvos[4]
Das viboras na areia inda retinem;
Crespas tranças outrora que inflammavam

[1] Canarias [2] As de Caboverde. [3] Ilha do Principe, etc. [illegible], canto V, desde a est. 11, até 14.

O cerulo Neptuno. Ao austro a proa,
No immenso golpho entrámos, transcorrendo
A Leoa serra asperrima, e o cabo
Que dissemos das Palmas, e a frondente
Ilha que do incredulo discipulo
O appellido tomou.[1] Alli a fertil,
Vastissima região que lava o Zayre,[2]
Ganha por nós á fé, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
Á dextra nos ficava a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram:
Que ousar e perfazer tammanho feito
Fôra a humanos esforços impossivel
Se o braço portuguez não ajudasse.

VII.

'O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,

[1] Ilha de S. Thomé.

[2] Reinos de Angolla e Congo.

Ja no hemispherio opposto nos brilhava.
Viamos-lhe essa parte menos bella
Onde raras estrellas pasce a polo:
Alli, pezar de Juno e de seus zelos,[1]
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
As inflammadas Ursas. Pelos topes
Dos mastos, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chamma
Do sancto, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodigios
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas
Serão ellas de vós que os largos máres,
Que as vastissimas plagas descubertas
Pela nobre ardideza lusitana
Corrido haveis tambem. D'estas paragens
Velas démos ao noto que soprava
Rijo, em vão, contra a fôrça descontrada
Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha e feia[2]
Nos fecha o claro ceo; amaina o vento

[1] Lus., canto V, desde a est. 15, até 25.

[2] Idem, canto V, desde a est. 37, até 38.

E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, á pavorosa scena
Dobram tremendo horror.—O mar ao longe
Dá longos, oucos brados que rebramam,
Como se désse em vão n'algum rochedo.

VIII.

'Eramos cêrca do famoso cabo
A que mudou boa esperança o nome
Que primeiro lhe démos, das tormentas.
Ao pensar em tão asperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufragio cru, desgraças tantas
Que a dobrar esse cabo nos custaram
Para ir edificar sublime imperio,
Novo reino entre gentes tam remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me portuguez. E é pois tal feito
Feito d'homens?...—O vento repentino
Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
E retremeu nos máres o estampido
D'um trovão temeroso. Alheada a mente
Na majestade da procella horrisona,

E em tammanhas ideas confundida,
No ar se me affigurou troar de irada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancellos do oriente alli guardasse;
Cuidei ver a grandissima estatura
De disforme gigante a quem as chaves
Confiára d'Asia o arbitro do mundo,
E que de tanta audacia portugueza
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu passo tam defeso,
Da bôcca negra, e pallido de cholera,
Fatidico dicesse.*—'O gente ousada,
'Mais que quantas no mundo hão commettido
'Imprêsas grandes, não te basta o mundo
'D'homens sabido para tantas guerras,
'Taes e tam cruas, com que, tam pequenos,
'Fatigais o universo? De tam longe
'Vindes quebrar meus terminos vedados,
'A demandar em regiões ignotas
'Onde cevar essa ambição de glória,
'Essa implacavel sêde de conquistas
'Que no inquieto peito vos referve?

* Lus., canto V, est. 41, até 48.

‘ Acabareis porfim co’a imprêsa ardida;
‘ Sim, vencereis; mas a victoria cara
‘ Tem de custar-vos. Inimigo eterno
‘ Aqui em meu tremendo promontorio
‘ Vos espero; aqui aspera vingança
‘ De quem me descubriu tomarei.— Morte,
‘ Morte é o menor dos males que vos guardo.
‘ Nem da beldade as lagrymas formosas,
‘ Nem suspiros d’amor, nem ais carpidos
‘ De maternal ternura hãode amolgar-me...
‘ E não se acabará só n’isto o damno;
‘ Antes por vossas mãos o mor castigo
‘ Recebereis: do imperio cimentado
‘ Com tanto sangue e com virtudes tantas,
‘ (Breve as heisde perder) medonhos crimes,
‘ Devassa tyrannia, infandos vicios,
‘ Superstição cruel minarão cedo
‘ Os nobres fundamentos. Aluido
‘ Baqueará por terra o solio altivo
‘ Que sôbre as ruinas erguereis dos povos.
‘ Vis descereis pelos degraus do vicio
‘ Do throno a que a virtude vos alçára.’

IX.

—'Assim na extasiada phantasia
Um echo mysterioso me soava:
Di-lo-hei presagio triste em já gran' parte
De seu fadar cumprido!...
'Emfim dobrado *
O immenso, procelloso promontorio,
Vogámos, longe, os máres interpostos,
Que do índico lago áquem separam
As requeimadas costas africanas.
Saudámos a dura Mossambique,
Porta do Oriente que a Asia lusitana
Parece unir aos affricos dominios,
Por onde, desde a Europa, ás partes quatro
Se dilatou o portuguez imperio.

X.

'Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegámos; da suberba
Cidade d'Albuquerque os muros entro.

* Lus., canto V, desde est. 62 até o fim.

De sobresalto o coração batia-me
Ao pisar essas praias que o triumpho
Viram do forte Castro.—Aqui da guerra
No duro tratto, ora ao Gentio rudo,
Ora ao perfido Mouro combatendo,
Longo continuei; porêm do marte
Portuguez quam diversa é hoje a sorte!
Não glória ja, mas frivolas contendas,
Injustas oppressões nos arrancavam
A priguiçosa espada da bainha.

XI.

'Cheia a imaginação do mysterioso
Sonho ou visão que, no moimento sacro
De Manuel, me incendiára a phantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
Odios, perseguições.—Ja malferido
De heiva de morte arqueja o imperio d'Asia.
Os devassos costumes, a impiedosa
Sêde de mando, a sordida cubiça

Dos ministros da lei, e até — sincero,
Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo...
Dos que, indignos do altar, o altar profanam
Com sacrificios barbaros de sangue,
A um Deus só de paz e de bondade,
Em vez do puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pallidos cadaveres,
Suspiros da viuva, ais do orpham triste,
Lagrymas, sangue e morte offerecendo...
Tudo, a golpes continuos, redobrados,
Vai prostrando o glorioso monumento
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerques.
Qu'é d'esse esp'rito que animava os fortes?
Qu'é d'esse vivo ardor de fama honrada
Que faiscava em lusitanos peitos,
E a arriscadas acções, a imprêsas grandes,
A mais que humanos feitos os levava?
Extinguiu-se, acabou. Ja fomos Lusos;
Fomos: — de nossa glória o brado ingente
Breve será clamor que geme longe,
Como voz de sepulchros esquecidos
Balda soando no porvir que a ignora.

XII.

'Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descahimento, em tal baixeza,
Commetter, perpetrar?—Inuteis p'rigos
Em guerras mais inuteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora
Do sangue desparzido em prol da patria,
Que podiam valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heroes fundadores d'um imperio
Que tam bastardos netos destruiam.
Em vão clamei; minhas verdades duras
Molle ouvido os tyrannos offenderam:
Puniu destêrro injusto a minha audacia.[1]

XIII.

'Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas[2] escaldadas

[1] Historico.

[2] Philippinas.

Do eterno fogo que as consumme e anima,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula.—Um repoiso,
Placido quanto o gosam desgraçados,
Incontrei na escalvada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macáo, fertil agora das riquezas
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Alli, só com meus tristes pensamentos,
Livre ao menos dos homens, só commigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades
Que lá me tinham coração e vida,
Se não vivi feliz, siquer tranquillo.

XIV.

'Nas penhas d'essa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria grutta,*
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: á entrada lhe vecejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe intalharam

* Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.

Mysteriosas mãos ignotas lettras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
N'essa caverna as eternas verdades
Do grande *Tien*, do deus da natureza,
Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon.*—Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli de soledade amarga e doce
Esquecidas passei horas ditosas:
Ditosas—se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas que taes se chamem.—N'esse poiso
De suave tristeza me accudiam
Á memoria as lembranças do passado,
Magoadas co'as ideas do presente,
De involta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada

* Socrates. Veja nota no fim.

XV.

'Patria, oh patria!—dizia—é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Natercia
As gerações pasmadas me acclamassem!...
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fummo que se ergue da choupana
Para subir aos ceus,—que Euros dispersam,
Quasi punindo-o de tenções tam altas!
Que póde em pro da patria um desgraçado,
Perseguido, no exílio immerecido?...

XVI.

'Uma voz ca do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:
—Póde mais do que a espada, a voz e a penna;
Feitos de glória immortaliza o canto,
Salvam do olvido as musas. Vive a fama
Que em versos divulgaram numerosos
Vates de Grecia e Roma. É menos digno

De eterno carme o peito lusitano,*
A quem Neptuno e Marte obedeceram?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos e de vãos Rugeiros?
Do incerto Enéas para si não toma
Fama e renome aquelle Gama illustre
Que ousado em p'rigos, firme e duro d'alma
Mais do que permittia esfôrço humano,
Commetteu e perfez acção tammanha?

XVII.

'Na mente, como um impeto invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrôjo, desmedida a altura
Onde me affoita de subir a idea.
Embora, embora! seguirei meu fado.
As nymphas invoquei do Téjo ameno,
Que em mim creassem novo ingenho ardente
Que a tam subida imprêsa se elevasse.
Commetti, persev'rei no ousado intento;

* Lus., canto I, est. 3, até 12

Trabalho d'annos foi: e emfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo
Que em meus versos cantei.—Mais doce ainda,
De mais subido premio outra esperança
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existencia ha sido.—E pois que nada,
Nada ja'gora me ficou na terra...
Ei-lo, senhor, o livro: apresentá-lo
Cuidei outrora á esperançosa prole
Do grande Manuel; cuidei depo-lo
Aos pés d'outro monarcha mais potente,
Que melhor galardão podéra dar-me
Por quanto hei merecido...—Hoje...'

XVIII.

Suspenso
N'esta voz, som confuso e mal formado
Que vinha depós ella, se disperde
Em longo e cortadissimo suspiro.

CANTO QUINTO.

Repousa á no ceu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
CAM., SONET.

I.

'Correi sôbre estas flores desbotadas,
Lagrymas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

II.

'O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;

Extranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;
Vaguei sosinho á mingua e sem confôrto
Pelos palmares onde ruge o tigre:
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança
Que, no instante de vê-la, me ha fugido...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

III.

'Longe, por esse azul dos vastos máres,
Na soidão melancholica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; * e aos longos pios
Da ave triste ajunctei meus ais mais tristes...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

* Veja nota a este verso, no fim.

IV.

'Os ventos pelas gaveas sibilaram;
Duras rajadas d'escarceo tremendo
As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou co' as roixas agonias
Maldittas da esperança...—E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o veo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrilegio
Com que os segredos seus vulguei na lyra.
As íras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vi-o a esqualida barba, de despeito,
Arrepellar-se, e a côr terrena e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
Da sanguinosa cholera inflammada.

Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me allumiava o farol de luz amiga...
Lume consolador, fanal d'esp'rança,
Quando na praia ja, sem luz me deixas!
Ingano lisongeiro da existencia,
Que verdade cruel te ha dissipado?
Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella?

V.

'Os echos das soidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo,
No sussurro das folhas recendentes
A filha de Cyniras murmurava;
Seus perfumados troncos, intalhados
Por minhas mãos, imbalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam:
A criminosa Myrrha parecia
De tam virtuoso amor invergonhar-se...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VI.

'Oh grutta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza,
De saudade passei! grutta benigna
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas,
Oh fresquidão amena, oh grato asylo
Onde me ía acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terriveis
Que hãode affrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, alêm d'ella e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Patria, patria, rival tu foste d'*Ella!*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ella* e por ti soffreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo

Tenue conserva da existencia afflicta...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VII.

'Desamparou-me!—Triste e sem confôrto
Fiquei só, n'este valle de amargura.
Linda, mimosa flor, á sombra tua,
Rasteira gramma vegetava apenas
Minha timida esp'rança. Amarelleço,
Desabrigada planta, ao sôpro ardente
Do norte queimador.—Quem te ha cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas,
Te decepou sem dó—que faz, que espera,
Que não leva tambem, que não arranca
A humilde hervinha que sem ti fallece?
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Oh! levae-me comtigo á campa fria.'

VIII.

Canção, canção de morte era ésta sua,
Que em som carpido os montes repetiam

Da umbrosa Cintra. Sôbre um calvo sêrro
Na pedregosa incosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam,
Assim cantava aos socegados ventos,
Qual moribundo cysne gorgeiando
Pelas ribas do Eurotas. Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A internecida Ignez, vendo o seu vate,
Seu immortal cantor gemer como ella.
Elle uma sêcca, immurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava
No anciado peito: a fio e fio as lagrymas
—Embalde!—sôbre as flores ressequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
Flor que poisou na loisa do sepulchro.

IX.

Nascia o sol: a névoa que rebuça
De humido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em veo ligeiro
Rara se adelgaçava; resplendiam
No socegado mar os doces raios

Da recem-nada luz. A amena veiga,*
Delicioso valle a quem de Tempe
Cede beldade e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Arvores d'aureos pomos reluzentes
Que á veloz Athalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiveram,
E o tam ligado cinto desataram;
As verde-escuras, espinhosas plantas
D'onde, virgineas tetas imitando,
Pende o cereo limão,—pendor não grato
No lindo pomo a que o semelha o vate—
Sòbre a relva, inda fresco-rociada
Das lagrymas da aurora, se avistavam
Pela immensa campina, recolhendo
A aura creadora nas lustrosas folhas
D'onde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
Á vinda alegre d'essa luz benefica,
Remoçadora eterna da existencia,
Cujas são alma e vida do universo.

* Collares.

X.

Em toda a pompa e luxo de suas galas
Cintra, a formosa Cintra se amostrava
Ao monarcha das luzes,—qual princeza
Do Oriente ao regio noivo se appresenta,
Voluptuosos perfumes exhalando
Das longas sedas com que brinca o zephyro.

XI.

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento que imbala adormecido
O sussurro das folhas, c'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descansado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceus, por máres, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,

Poisar-lhe o coração suavemente
Sôbre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida?—Oh gruttas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos onde eu cortei queridos nomes
D'amizade e d'amor, não heide um dia
Perguntar-vos por elles? Solettrando
Não irei pelas árvores crescidas
Os characteres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lh'intalhára?
Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,
Se me guardam fieis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer—tam breves foram!
Dias de glória, ternas mãos gravaram!

XII.

Ha corações ainda que o conservam
Esse ignorado,—mal sabido nome.
Oh! sim que os ha! Salvae, salvae, ó musas,

De meus escuros versos éstas linhas,
Não para a glória—sonho vão de nescios!
Mas em memoria, doce de guardar-se
N'algum sensivel peito.—Onde não gyra
Meu sangue...—E o sangue quam diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleaes! co'a memoria, mas que rara
Do infeliz, cujo seio infraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gyra
Meu sangue—e o sangue quam diverso corre!
Peitos achei sacrarios de amizade,
Corações de anjos...

XIII.

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome soa
Eterno ja nos hymnos inramados
De immorredouras flores.—Impotente
Ahi quebra a furia do fremente oceano
Á raiz de teu firme promontorio...
Mas que infrenes um dia as altas aguas

Sôltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te,*
Teu limite é ahi—galgá-lo ousassem,
E levar os delphins inamorados
Folgar nos sitios em que geme a rôlla,
E philomela modulou queixumes,
Suavissimo incanto da espessura;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrrha,—inda o teu nome
Não o esquecêra transmudado o mundo.
Leva-t'o alêm das passadouras eras
Do bardo mysterioso * o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso,—onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutheria divina lhe affinára—
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos acordados
De Leonidas que dorme... Não, não dorme;
Véla, c'o escudo e lança emtôrno roda

* Byron's Child Harold's Pilgrim.

Da arvorezinha tenra que plantaram
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá?—ou do consórcio adúltero,
Impia liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis?—Morrei ao menos,
Filhos d'Hellêno, perecei com ella.

XIV.

A vós já volvo, ó solidões de Cintra,
E ao vate que suspira melancholico
Entre esses que parecem dispersados
Tumulos de gigantes—ou ruinas
D'algum primeiro templo cujos mythos
Esquecidos ahi jazem, desprezados
N'esses brutos lascões.—Últimas notas
De sua triste canção inda zumbiam
Pelas azas dos placidos favonios,
Quando uma voz:—'Não é de ânimo grande
Succumbir aos revezes: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão ás lagrymas. Segui-me.'
—'Onde? a quem?... Ah! sois vós?'

—'Sou eu, amigo;
Cavalleiro, sou eu. Vinde; á justiça
Porta abrimos emfim: ver-vos deseja
E ouvir-vos o monarcha.'
—'A mim!'
—'Poderam
Chegar ao throno as vozes da verdade.
Sabe quem sois elrei; louvou com emphase
O amor da patria glória que a alta imprêsa
De perpetuar seu nome ha commettido,
Dando aos heroes de Lysia eterna fama.
Vinde, que á hora nona vos aguarda
Impaciente.'
—'Mas o livro?...'
—'Á côrte
Vim por elle e por vós; commigo o trouxe.
Ha muito o conhecia: amigos vossos
D'elle com grande preço me fallaram
Em Goa e Mossambique.'
—'E como ao ouvido
Chegou d'elrei meu ignorado nome?'
—'Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo
De preparar-vos á solemne audiencia
Que havereis do monarcha.'

XV.

Ambos desciam
A ingreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Tremulos passos caridoso impenho
Do officioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflammado peito
Do guerreiro acordado do lethargo
De que o desperta esperançosa a glória.

CANTO SEXTO.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.

LUSIAD.

I.

O sceptro de Manuel, nas mãos ja debeis
De Joanne* começado a desdoudar-se
Do esmalte das victorias e triumphos
Com que tanta virtude o adereçára,

* D. João III.

O sceptro que, nas mãos d'outro Joanne*
Que insinou a ser reis os reis do mundo,
Fôra vara de lei e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança da pública ventura,
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a maus conselhos, vacillante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua glória descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso,
Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando.

II.

Reinava Sebastião.—Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e d'honra
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
Mas...—Sebastião reinava. Mal dormido

* D. João II.

Sôbre os avitos louros, ja corrêra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura.
Do primeiro triumpho imbriagado
Cuidou ja da fortuna a vária roda
Ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas e victorias sonha;
E emtanto sôbre as ondas mal seguras
Voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Ávidas mãos, do abandonado leme
Validos travam, não a indereçá-lo
Para o rumo perdido; mas cubiça
Treda, que os move, a syrthes, a naufragios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Em suas íras de flagello aos povos
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III.

Do Escorial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia
Que, por mãos de vendidos conselheiros,
Em labyrintho escuro inrevezavam

Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal-soffrido
Da nobreza leal o escasso resto
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Impera o fanatismo, a hypocrisia:
No profanado altar, fogueiras, victimas,
Do oriente ao occidente lhes affummam
O incenso da cubiça, e o vapor negro
De sangue e morte que regala os monstros
Em taças de ouro, com prazer de tygres,
De lagrymas de viuvas se imbriagam;
E os suspiros dos orphãos desvalidos,
Como deleite de suave musica,
Os damnados ouvidos lhes affagam.

IV.

Echo antigo do nome lusitano,
Memorias de Pachecos e Albuquerques
Sós continham ainda os inimigos
Do vacillante imperio. Hallucinado,
Ignorante dos males que lhe incobrem,
Crê reinar sôbre um povo affortunado

Do Tejo ao Zayre, e do Amazona ao Ganges,
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triumphos, que glórias, que esperanças,
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!
Sorvei, areias d'Africa, essas cinzas,
Bebei todo esse sangue.—As azas mortas
Exanime inrolou, cahiu por terra
O temeroso Drago que amparára
As Quinas tanto sec'lo: então primeiro
O leão de Pyrene o olhou sem medo.

V.

Um só de honrada fama, inda virtuoso
E portuguez ainda, conservava
No ânimo real leve influencia.
Aio dera o avô ao joven principe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes e lettras illustrados
Cavalheiros da côrte. Não se atreve,
Comquanto o desejára, o rei mancebo

A affastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doira,
Nem de lisonja vil impanna o lustre
Que em suas rectas palavras pôs justiça.
Erros fataes, iniquos procederes,
Feios labeos da purpura—oh! e quantos
Tem prevenido o velho! Quantas vezes
Deante d'essa honrada singeleza
Tem recuado a intriga,—e despeitosa
Curvado a prepotencia a cerviz dura!
Os valídos, que o temem, que o detestam,
Arteiramente vão minando surdos
O favor do monarcha mal experto:
Mas não poderam inda. Pura, ingenua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo
A religião sincera; detestava
A hypocrisia, o orgulho dos ministros
De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão.* Poucos amigos,
Como é de ver, contava o honrado velho,
Mas dignos d'elle todos. D'esse número

* Veja nota a este verso, no fim.

Era — e não muitos mais de seu estado,
O castelhano ancião a quem o acaso
Hóspede e confidente ao vate dera.

VI.

Sancto fervor que á lusitana côrte
Trouxera o venerando missionario,
Do aio real na protecção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões onde deixára
C'os neophytos seus alma e cuidados.
Versado nos antigos exemplares
De Grecia e Roma, aos canticos sublimes
De Job e de Isaías se apprazia
De comparar, em horas mais folgadas,
Canções de Smyrna e Mantua: a miudo o viram
Sôbre os prantos de Dido verter lagrymas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depósito um poema de que ouvíra
Fallar ja tanto, e de homem tam famoso
Por seu grande saber, talento e arte,
Ávido o livro abriu, leu. Admirado

De ver trajar alfaias lusitanas
Ás homereas bellezas, aos appuros
Das virgilianas graças,—mais ainda
De originaes, de novas formosuras
Pór antigos cantores não sabidas,
—Cantores que jamais cuidou possivel
Egualar, exceder por arte humana—
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflammou de nobre inthusiasmo:
—'E obra tal, (exclamou) tammanho ingenho,
Tam nobre amor de patria, tam sublime,
Ardua imprêsa, trabalho tam difficil
Não tera galardão? Quem ha mer'cido
Tanto da patria por espada e penna,
Ingrata a patria o deixará sem premio?
Irá mendigo e supplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro,
O humildoso favor de que lhe acceite
Tal obra e tanta, por mesquinho preço
Que, porventura, nem lhe matte a fome
Nem lhe cubra a nudez?—Oh!...' Resoluto
Toma o bordão, caminho vai de Cintra,
A Aleixo falla, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas que leu conta, e as virtudes

E assignalados feitos do homem grande
Que em vão appouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude e nobres sentimentos,
Facil se intendem, facil communicam
De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

VII.

Menezes disse ao rei:—'Senhor, um velho
E fiel servidor de tantos annos
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor pequeno e unico
Da bondade real—talvez justiça!—
Poderia esperar?'
—'Tudo: explicae-vos.
Tudo: que pretendeis?'
—'Pouco vos peço:
Que ouçais um infeliz.'
—'Onde está elle?
Venha, mas seja breve; o tempo é curto:
E meus impenhos...'
—'Praza a Deus que sejam
Aos portuguezes e ao seu rei proficuos!'
—'Certo o serão: a glória nos aguarda

Nas africanas praias impaciente.
A mim me tarda ja de ir incontrá-la,
E... Porêm dom Aleixo não approva
As tenções do seu rei.'
—'Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu; mas fóra d'elle,
Real senhor, respeito e obediencia
São os deveres unicos d'um subdito.'
—'O homem que sois, Menezes, bem conheço:
Amei-vos desde a infancia, e inda vos amo.
Sois meu amigo, sei-o, e tam sincero,
Tam leal o não tenho.'
—'O ceu permitta
Que o cuideis sempre, e que infieis não sejam...
Senhor, o desgraçado por quem rógo,
Nada vos pede; é portuguez e altivo,
Como o são portuguezes: mas tal feito,
Tam gloriosa imprêsa em prol da patria
Commetteu e perfez, que ja desaire
Real sería de a deixar sem premio.'
—'Quem é esse homem? Que fez elle? O Gama,
O Albuquerque egualou?'
—'Fez mais do que elles;
Que os tornou immortaes. Podem um dia

Erros nossos, baloiços da fortuna
Dar cabo d'essas glórias do oriente,
D'essas conquistas d'Albuquerque e Vasco:
Mas a fama das lettras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta glória
De Portugal padrão eterno exige
Que lhe assegure dos vaivens da sorte
O porvir sempre incerto. Que souberamos
Das façanhas de Achilles, da piedade
Do fundador primeiro d'essa gente
Romana cujo nome ìnda enche a terra,
Se de Virgilio e Homero não ficassem
Mais duraveis, seguros monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessá-lo
Nos é fôrça a nós outros cavalleiros:
Renome e glória, bem o ganha a espada;
Mas conservá-lo, só o póde a penna.'
—'Assim m'o heis insinado e o tenho certo.'
—'Dos mais famosos principes o exemplo
Vo-lo dirá melhor. Vêde Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triumphos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos
Que immortal o fizeram: vêde Augusto

Premios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as glórias celebrava.
Valem mais do que os feitos portuguezes
Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,
Mais tropheus, mais virtudes nos reconta
Sua fallada historia?'
—'Não, amigo,
Não; e eu farei que inda maior se exalte
O nome portuguez pelo universo.'
—'Assim appraza aos ceus!'
—'Praz, sim. Ou morte
Honrada, ou glória egual a meus passados
Ganharei eu.'
—'A glória d'um monarcha,
Nem sempre armas a dão. Diniz pacífico,
Joanne* o justo...'
—'Assás m'o tendes ditto.
Fallemos, dom Aleixo, d'esse livro...'

VIII.

E Aleixo quanto ouvíra ao missionario
Breve lhe expõe: o merito da obra,

* D. João II.

O glorioso renome que lhe fica
De protector das lettras; emfim tudo
Quanto para inflammar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.
—'Ouvi-lo quero' disse o rei, 'chamae-o
Da minha parte: premio tera digno
D'elle e de mim, se o que dizeis é certo.'

IX.

O virtuoso Aleixo corre alegre
Com a resposta ao impenhado amigo,
Que de taes esperanças inlevado
Por devesas e gruttas, por montanhas,
Da fresca Cintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim incontra.
Junctos desceram a escabrosa serra,
E de gratos futuros imbalados
A hora apprazada para a audiencia aguardam.

CANTO SEPTIMO.

. . . . , . Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos . . .
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

LUSIAD.

I.

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
D'Albion suberba as tôrres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Brittões semibarbaros. Errante
Pela terra extrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio, fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,

A conversar co'as pedras solitarias,
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma inlevada
Nos romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realizar dos bardos;
Murmurei os tremendos esconjuros
Do Scaldo sabedor,—fallei aos echos
Das ruinas a lingua consagrada
Dos menestreis;—perfiz solemnemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os genios mysteriosos, as aerias
Vagas fórmas da virgem d'alvas roupas[1]
Que, as tranças d'ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisivel que lhe tangem
Os domados espiritos que a servem,
Como o subtil Ariel,[2] por invencivel,
Incantado feitiço...

II.

—Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel extranho,

[1] Scott's poet. romanc.

[2] Shakspeare.

Ou triste realidade dissipava
Phantasias de vates. Nem setteiras
Me bruxuleavam namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro
Que aventuras correr se vai ao oriente
E a ganhar do infiel a Terra-sancta.
Nem, d'além vallos, nos corceis armados
Vi descidas viseiras, peitos d'aço
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardam que da ameia sôe
Corno de anão que abáta a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

III.

Nada!... Só pelos fossos intupidos
Do desfolhar do outomno, e bronco intulho
Dos muros derrocados,—sôltas pedras

E immunda terra á vista affiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cobertos d'aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castellão suberbo. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo—certo amigo dos tyrannos,
Que regalado o trazem. Tristes victimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor que a seus vassallos
Villões de sua terra—seus como ella—
Quiz do podêr que tem mostrar a alçada!

IV.

Aopé d'essas janellas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquicios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados:
Como se a edade, que destruiu palacios,

Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade e crimes,—e escrevesse,
Ao passar, com a fouce inferrujada,
No limiar d'essas portas: *Escarmento*
Ás gerações porvir.—Doía-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergeis da patria esvoaçando.

V.

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla,—que memorias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem setteiras
Nem torreões nem barbacans nem fossos.
E que havia mister d'esse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vai por debeis cannas,

Symbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos?—Sanctas eras!
Se podesseis voltar, dias ditosos!

VI.

Alto o dia, horas oito: ja nos atrios
Gyrava do palacio a vária turba
Que a audiencia do rei, ou do valído,
—Quantos do mais escuro sevandija
Que taes mansões infesta!—alli aguardam
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Timido se conchega a pobre capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortezão suberbo. Altivo o grande
Com gesto protector alli corteja
O artifice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dívidas antigas
De tamanho senhor, tam dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,
Que ingordou nas fadigas evangelicas,
Sem olhar, vai passando o triste cura
A quem a escassa congrua tanto abaixo

Na hierarchia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola tenue
Para uma caridosa albergaria
Que em seu pobre passal instituíra.
E o que pretende aquelle?—O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos d'um pingue benefício
Disfructado na côrte.

VII.

—N'esta scena
Tam variada em actores e interêsses,
Dous novos, que no gesto e ad'man bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem,*
Entravam; curioso alvo das vistas
Da turba pretendente: um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,
Mas de vaidade alheio.—'Vem da India
A requerer:—não trazem d'outra gente
Éstas frotas de Goa.'—Abriu-se a porta:
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delphos
Devotos peregrinos, quando os quicios

* Expressão do elegantissimo D. Franc. Man. de Mello, Guia de casados.

Do mysterioso limiar se movem,
E o oraculo—terrivel ou propício?—
Vai por obscuros carmes explicar-se.

VIII.

É dom Aleixo: no tropel confuso,
Que se apinha d'emtôrno, alguem procura.
Quem será o invejado aventuroso?
O aio real aos dous desconhecidos
Cordial saúda; e conversando junctos
Poucos momentos,—eis dão os porteiros
O devido signal, menestreis tangem;
Elrei chega, no throno toma assento.
Breve a audiencia foi; não sobra o tempo
Para as sanctas funcções de magistrado
A militares reis: ás armas cede
A toga mal prezada.—Audiencia é finda.

IX.

E elrei, como inquieto, ao aio antigo:
—'Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
O vosso protegido não n'o vejo.'

—'Ei-lo, senhor, o nobre cavalleiro
Que desejais ouvir.'
—'Sim, quero ouvi-lo,
Quero e desejo: não ignoro o preço
Das boas lettras, nem d'um raro ingenho
A estima desvalio: em prol da patria
Uns obram co'a espada; cumpre a outros
Co'a penna honrá-la.'
—'Se honra a minha penna,
Real senhor, a minha amada patria,
Di-lo-hão sabedores e lettrados.
Para servi-la... espada e braço tenho
Que por si fallarão.'
—'Digna resposta
De portuguez! Honrado sois, amigo.
Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo
Em vosso rosto que voltar não usa
Da face do inimigo.—É este (disse,
Fallando aos cortezãos) de quantos d'Asia
Aqui véem, o primeiro que não falla
Em suas cicatrizes.'
—'Bastas eram,
Senhor, as de Pacheco, e...'
—'Eu não ignoro'

Asperamente elrei o interrompia
'Os feitos de Pacheco.'

X.

Olhos pasmados
Os cortezãos cravaram no soldado
Que tam crua verdade se affoitava
A proferir alli: algum ja cuida
Que de escuro castello a tôrre o aguarda,
Ou que ao menos...—Compondo um tanto o vulto
Tornou elrei:
—'Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha-verde á fresquidão sentar-nos.
Calmoso vai o tempo; e ademais, prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas.'

XI.

Seguem todos o rei; a incosta sobem
Do monte; e pelos bosques onde o louro
Inda as glórias de Castro está c'roando,
Inda veceja co'as memorias d'elle,*
A real companhia vai entrando.

* Célebre quinta de D. João de Castro.

XII.

Estavam d'altas árvores á sombra,
De avelludada relva em fresco assento.
Attento o joven rei fitava ancioso
O guerreiro cantor que o nobre aspeito
Tinha como de glória resplendente,
E na divina inspiração acceso.
Qual devéras o imita, qual fingindo;
Mas todos se compõe do rei a exemplo.
O vate começou: pausado accento,
Respeitoso não tímido, lhe allonga
Solemnemente o cadencear medido
Do metro numeroso. O heroico assumpto*
Primeiro expõe do canto: armas e glória
Dos barões lusitanos que fundaram
Do oriente o imperio novo; os grandes feitos
Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo as Tagides musas invocando
Porque alto som lhe dem e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente:

* Lus., canto I.

—'Dae-me—com voz mais elevada clama—
Dae-me uma furia sonorosa e grande,
E não de agreste avena ou ruda frauta,
Mas da tuba canora e bellicosa
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda,
Um canto egual a meu erguido assumpto,
Se tam sublime preço cabe em verso.'

XIII.

Depois ao joven rei, segura esp'rança
Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos d'amor patrio scintillantes,
A ouvir cantar dos feitos portuguezes
Convida; pinta-lhe em vivazes côres
A grandeza do povo a que preside,
A lealdade, o valor; e recordando
De seus avós famosos as virtudes,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV.

Ja da tuba a Calliope travando,
Em terso stylo, e não de inchada pompa,

Mas—qual fluente e majestoso rio
Por suas ribas magnífico se espraia—
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

XV.

No largo oceano, em próspera bonança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos ceus o alto podêr sublime e dino
A conselho as menores potestades
Sôbre tammanha imprêsa convocava.
Cuidas ver, lá n'um throno de diamante,
Sentado o pae dos numes; por seus labios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo e terror do mundo. É seu proposito
De mor glória lhe dar no ignoto Oriente.
De Nysa o vencedor cioso impugna
A sentença do numen. Quem sustenta
A heroica Lysia? É Venus, Venus bella,
Affeiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja lingua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tam zeloso de seu culto,
Tam devoto amador de seus altares!

O fado o decretou, Jove o confirma;
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI.

Ja surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia. Eis lá Mombaça,*
Onde falsos Sinons a ingano o levam,
Cru exicio lhe estava preparando,
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Erycina linda,
Que a assignalada gente andas guardando,
Tu, do velho Nereu co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste.—Aqui do vate
O stylo se imbrandece, spira o canto
Suavissimos perfumes de Amathunta;
Rosas de Paphos e jasmins de Gnido
A namorada lyra lhe coroam,
Quando a bella Dione á sexta esphera

* Lus., canto I.

Segue inlevado.—Está pelos semblantes
Dos que o escutam debuxado o gôsto
Que o deleitoso quadro accende n'alma.
O mimo dos pinceis tam delicados,
Não lh'o deu natureza, que o não tinha;
Deu-lh'o amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tam querido,
Tam gran' privado seu jamais abríra.

XVII.

Marmores de Praxiteles, esmeros
De Phidias, de Canova, oh! que beldades
Retratais imperfeitas!—Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pygmalion obtida,
Quando hade o apuro do cinzel mais destro
Taes mimos egualar? Aquelle gesto
Que as estrellas, o ceu e o ar namora,
Aquelle affrontamento do caminho
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,
Os espiritos vivos que inspiravam
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?
Ve-la diante do padre omnipotente

Como na selva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troiano!... que, se a víra
Tal o que ja por vista menos bella
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
Barbara lei!—o houveram devorado,
Que primeiro desejos o acabaram.

XVIII.

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo collo que a neve escurecia;
Lacteas tetas que andando lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via;
As flammas que lhe saem d'alva petrina;
Desejos que como heras inrolados
Pelas lisas columnas lhe trepavam...
Quem tal expressará, quem taes bellezas,
Na silice ou painel ou brandos versos,
Pintar ja soube?—Não a viu tam bella
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo.—Escondidos
Por delgado sendal outros incantos...
Escondidos só quanto mais accenda
E redobre o desejo que penetra
O veo dos roxos lirios pouco avaro.

XIX.

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angelico semblante,
Aquella doce nuvem de tristeza
Com riso misturada:—qual a dama
Em amorosos brincos maltrattada
Do incauto amante—que se ri, se aqueixa
E se mostra entre alegre magoada.
Jove não resistiu—quem tal podéra?
Beijo accendido á súpplica responde.

XX.

Propício o fado aos fortes viajantes
De surrir-lhes começa. Ja Melinde
Amigos braços lh'abre: ja do Gama
Os lusitanos feitos recontados,
Terra e costumes são. Pasma o rei barbaro
De ouvir dos povos da suberba Europa
As remotas regiões, ignotos nomes.
Pinta-lhe, quasi cume da cabeça*
Da Europa toda, o portuguez imperio,

* Lus., canto III.

Patria do esfôrço outrora e liberdade.
Diz o pastor que do ferrado conto
De seu cajado abate aguias romanas;
Henrique[1] o mauro jugo espedaçando,
E abrindo com sua espada triumphante
De Lysia o fundamento. Ao filho illustre[2]
Cabe glória maior: de c'roas cinco
No Ourique derrubadas, nova c'roa
A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,
Por eterno brazão, dos ceus recebe.
De Egas Moniz a lealdade e a honra
Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalços
A offerecer as innocentes vidas
Pela dada palavra.—Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves.[3]
Vem outro Affonso,[4] o vencedor d'Alcacer,
Do mouro pertinaz exicio extremo.
Mas do segundo Sancho a molle inercia
De privados regida, não tolera

[1] Conde D. Henrique. [2] D. Affonso Henriques. [3] Veja nota a este verso, no fim. [4] D. Affonso II.

Nação altiva que outro rei não soffre
Que não for mais que todos excellente.[1]
Das impotentes mãos as redeas toma
O conde bolonhez:[2] á glória volvem
As armas portuguezas. Melhor sorte
Coube a Diniz, pacifico monarcha:
Às conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e innobreceu co'as lettras;
E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Hélicon descer as aureas musas.
Claros lumes da terra, sãos costumes,
Constituições e leis co'elle florecem.

XXI.

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das suberbas castelhanas,
Do venerando pai impunha o sceptro:
Affonso,[3] que nos campos do Salado
As hostes granadis prôstrou tremendas
Com pequeno podêr.—Viçosos louros

[1] Lus., cant. III, est. 93. [2] D. Affonso III. [3] D. Affonso IV.

De tammanha e tam próspera victoria
Caso triste murchou, crueza barbara
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrymas tristes se mitiga,
Inda ás soidosas margens do Mondego,
Juncto á fonte que lagrymas formaram,
Verte sôbre elle desusado pranto.
As nações do universo, que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repete a lyra.

XXII.

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva
Que incubriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente d'aquelle por quem vive,
Só, gemedora rôlla, vai carpindo

A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas insinando
O nome que no peito escripto tinha;
Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystallinas
Só lagrymas formosas derramastes,
E, por memoria, em fonte convertidas,
O nome lhe puzestes, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram;
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro.—A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,
Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

XXIII.

Ausente é o spôso: solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos inganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisongeira esperança do futuro.

Oh! quando ella outra vez n'aquelles braços
O tornar a apertar, quando... Armas soam
De cavalleiros, e corseis nitrindo
Nos atrios do palacio... escuta... É elle,
O seu Pedro, oh ventura!—'Espôso, espôso!'
Mas pelo ausente espôso o pae responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

XXIV.

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,
Supplice implora os barbaros. O ferro
Imbebem crus no peito crystallino;
E as vivas rosas que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem.
C'os innocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retrattam.
Ja pelos labios derradeira foge
A última vida, o último sôpro em osculos
Todos amor, todos ternura. Os olhos

Ja da formosa luz se extinguem... Trémula,
Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternaes.—'Espôso,
Espôso... espôso!' balbuciando, expira.

CANTO OITAVO.

> Em perigos, e guerras esforçados,
> Mais do que promettia a fôrça humana
> Entre gente remota edificárão
> Novo reino, que tanto sublimárão
>
> LUSIAD.

I.

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que inrogou Mavorte,
E onde afflicção, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colheram lagryma, houve d'ellas
Mal inchutas do pranto involuntario
Que ais d'amor, que enthusiasmo de virtude,

Patriotismo ou glória destıllaram
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas d'alma ao rosto vai canal aberto
Que só intupem vicios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma? Ja suspensas
As segures estão... Tam firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva... Mas elles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, tambem é homem.

II.

Louvor ao vate insigne!—Pouco dizem,
Que sentem mais. O joven rei applaude
Com franco enthusiasmo, e entre si pensa:
—'Um dia offuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assumpto.'

III.

Trazem no entanto moços de pellote,
Em riccas salvas d'ouro alto-lavradas,

—Páreas de avassallados reis do Oriente—
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçan, transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo,
—Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas.—Alli se enchem
Ao limpido jorrar da fresca fonte
Da fria agua de Cintra, e saborosa
Mais que o liquor do Rheno, ou que as sulphureas
Lagrymas de Parthénope.[1] Tomaram
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate proseguiu.

IV.

Está contando
O Gama ao rei amigo os mais famosos
Feitos dos nossos.—Diz-lhe de Fernando[2]
Os amores adulteros, e o tibio,
Froixo govêrno que indefeso o reino

[1] Lachrymachristi.
[2] Lus., cant. III.

Deixa ao furor imigo Castelhano,
E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

V.

Mas do lethargo vil em que o prostraram,[1]
Á voz de Nuno[2] o portuguez acorda.
Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou e liberdade e patria,
Nomes que outrora em peitos lusitanos
Eram de chamma electrica scintillas
Que os corações briosos lh'inflammavam.
Embalde o podêr todo de Castella,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajuncta.
Joanne[3] por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno d'elle.
Não curva a jugo extranho o collo altivo
A nação, indomavel quando livre.

VI.

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
O echo da trombeta castelhana

[1] Lus. cant., IV. [2] Nun'alvares Pereira [3] D. João I.

Horrendo, fero, ingente e temeroso.
Guadiana, tuas aguas, de assustadas,
Vejo-as atraz volver.—Que anjo de morte
É esse que discorre d'ala em ala
Co'a fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo dos pés duros
Dos ardentes cavallos, sôa o valle,
Lanças escallam, os broqueis sonoros
Estalando retinem.—'San'Tiago!'
—'San'Jorge e ávante!' cada qual rebrama.
—'Victoria! A quem?'—'Ao Lusitano, a Nuno.'

VII.

Ja não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portuguezes: treme Africa adusta,
E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos.—Mas cara
Custa a victoria: ves, o novo Regulo
Só pelo amor da patria está passando
A vida, de senhora, feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos carceres;
Vive porêm seu nome e claro brilha
Para glória da patria, e eterno oppróbrio

De principes covardes que hão descido
A ignorado sepulchro em leitos d'ouro.

VIII.

Glorioso João, foi teu reinado
Alto começo á lusitana glória
Que, do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, máres não sabidos
Triumphante correu.—Jamais no mundo
Se viu throno real assim rodear-se
De generosa prole. Não se accoitam
Mollemente na purpura paterna
Os filhos de João, nem se crem grandes
Em torpe ociosidade vegetando
Á sombra do diadema que em suas frentes
Descuidadas não pésa:—Henrique o grande,
O sabio Henrique, o protector philosopho
Das sciencias que honrou; Fernando, o sancto
Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,
Legislador e justo; João, o austero,
Alma romana em coração de Luso;
E Duarte, o pacifico, o piedoso
Que tam breve reinou.

IX.

Tenro innocente
Vestiu manto real o quinto Affonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua edade inexperta. Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Byzancio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos do sangue das civís discordias.
Toda a tua glória, victorioso Affonso,
Esse appellido insigne que has tomado
Ao destruidor da desleal Carthago,
Nódoa tam negra á fama te não lavam.
Teu nome, e o de teus perfidos valídos,
Todo o bom portuguez detesta.—Esconde,
Esconde, Affonso, a purpura sanguenta
Tras a glória immortal que resplandece
D'emtôrno ao filho teu. Se ha hi rei justo,
Rei cidadão, monarcha magistrado,*
Rei que obedeça á lei, que a guarde ao povo,
Que o sceptro, vara augusta de justiça,

* Rei cidadão, rei homem, pae, e amigo.—*Ferreira.*

Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna oppressores, opprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o merito,
Busque a virtude em sotãos de humildade
Para a exaltar sôbre arrasados paços
Do crime audaz e da suberba inutil;
Rei que o officio * de rei preencha e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados máres,
Por descobertos cabos,—esperanças
De futuras riquezas e conquistas:
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha inmarcessivel
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
Que o louro dos heroes. Sanguineas gottas
Mancham sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orpham
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as bençãos d'um povo agradecido
São melodia de suaves notas
Que por eras e eras se prolonga

* Mon métier de roi; dizia Frederico o grande.

Ás gerações por vir. Um rei como este,
Dae-lhes um rei como João segundo;
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao sceptro.
—Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos,—que essa dita
Ao feliz Manuel o ceu guardava.

X.

Então reconta o sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada appareceram.
Diz a intentada, perigosa imprêsa.*
Que ousou de commetter; trabalhos, riscos
Na longa e lassa via supportados:
Moçambique, a traidora, castigada
Para escarmento e pena; e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado

* Lus., canto V.

De Thetys formosissima que amava;
Thetys que ja cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, unica, despida,
Quando se achou c'um arido rochedo
De horrido mato e de espessura brava.

XI.

Emfim chegado com ditoso auspicio
Ás melindanas praias, aqui finda
O illustre Gama a narração pedida.
Ja pazes firma e alliança amiga [1]
Com o africano rei; e alfim nos máres
Indicos voga, demandando a terra
Que desejada já de tantos fôra.[2]

XII.

Consummou-se a alta imprêsa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Téjo. Em vão comprimem
Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos: [3]
Tudo vence a constancia e nobre audacia
Do forte capitão. Co'a alegre nova

[1] Lus., canto VI. [2] Lus., canto VII. [3] Lus., canto VIII.

Do descoberto Oriente, á meta austrina,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

XIII.

Agora os sons do canto imbrandecidos*
Co'as delicias de Paphos e Amathunta,
Por namorados bosques, aguas limpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.
— Eis ves a filha das ceruleas ondas,
A bella Venus, que repoiso amigo,
Delicioso lhes traz; ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por máres, ceus e terra em formosura,
Tudo ajunctou alli: copados bosques,
Coutos d'amena sombra; vecejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas
Que o proprio leito onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;
Murmurantes arroios, mansamente

* Lus., canto IX.

Em seu correr, de amores conversando
Co'as dryades do bosque; os rubicundos
E dourados thesouros de Pomona...
Oh! que scena de languidos prazeres,
Que paraizo de deleite, ó Venus!
Pelo travesso filho assetteadas
As esquivas nereidas suspirando,
Seguem a bella deusa, que promette
A suspirar tam doce um doce premio.

XIV.

Mas em mar leite navegando alegres,
Os esforçados nautas ja descobrem
Entre a alva espuma das ambientes aguas
Viçar a ilha formosa:--qual no seio
Lacteo-tremente da modesta noiva
Puro verdeija o sponsalicio ramo.
Ja proa e rumo para alli appontam;
Eis chegam, eis do incanto e maravilha
Absortos pasmam... pela sombra amena
Se imbrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lh'a tinhas, Erycina,
Menos aspera ja, mais doce e linda.

Correndo vão após as nymphas bellas,
Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
Nem tudo escondem; fogem, mas tam leve
Não corre o lindo pé que não tropece...
E cahem... Certa amor canta a victoria,
Se lhe cai sobre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tam macios!... Breve e rapido
No seio do prazer se esvai o dia.

XV.

Harpa sublime que n'altura soas
Das cumiadas da glória, harpa que os hymnos
Fatidicos, nos echos alongados
Do porvir innublado, obscura tanges,
D'onde só vagos sons confusos coam
Na terra, esperdiçados por vulgares
Orelhas d'homens,—harpa mysteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas propheticas repete
Na remontada lyra.—Etherea nympha*

* Lus., canto X.

Os porvindouros feitos e virtudes
Dos heroes Lusos no domado Oriente
Ao ceu com doce voz está subindo.

XVI.

Ja voadores lenhos povoando
O vasto oceano que lhe abríra o Gama,
O senhorio dos frementes máres
Victoriosos occupam. Reis que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão que, forte e duro,
Os faz render-se a elle ou logo á morte.
O gran' Pacheco, o lusitano Achilles,
No passo Cambalão suberbos nayres
Do Çamorim potente desbarata:
Por vezes sette em aspera batalha
Triumpha em terra e mar. Eia, as coroas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que á patria volve com despojos cento
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
A purpura que o cinge! é esse o templo
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!
N'um hospital, de andrajos vis coberto
Morre Pacheco do seu rei na côrte...

XVII.

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do índico oceano as aguas tinge
De sangue imigo e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pae: Dabul, Cambaia,
Inseadas de Diu, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz exicio e morte.
Inveja vil de perfidos valídos,
Não é tua ésta victima; seus ossos,
Não lh'os possuirás, ingrata patria.
Seu fado negro foi, mas antes elle;
Antes perder a vida ás mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho!

XVIII.

Mas oh! que luz tammanha que abrir sinto!
Luz é do fogo e das luzentes armas
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
Rende-te, Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas

Lá no gremio da Aurora onde nasceste;
Em vão imbebes venenosas settas
No arco certeiro, e os crizes refalsados
Com peçonhas mortiferas tempéras:
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos ao luso vencedor succumbem.

XIX.

Medina abominavel, Meca tremem
C'o nome de Soares; as extremas
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas tôrres de Columbo.

XX.

Sequeira, os dous Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas arabias. Baçaím se intrega
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu; Castro o forte,

O honrado, o vencedor, o triumphante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza e amor de patria
Jamais pronunciarão homens na terra.

XXI.

Tagides bellas, que em meu verso humilde
Os echos reflectis da voz celeste,
Das immortaes canções que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me fallece o alento.
Na extenuada lyra os sons se quebram,
Como suspiros de opprimido peito.
Diga Uranía bella aos seus valídos
Que segredos lhe disse das espheras,
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da creação inteira: eu vate humilde,
Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ouso a tanto.

XXII.

Da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu patrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributario feudo.

CANTO NONO.

Mas quem póde livrar-se porventura
Dos laços que amor arma brandamente?
LUSIAD.

I.

Não sabía em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O enthusiasmo, o vivo prazer d'alma
Que lhe inspiraram as canções divinas.
Louva a escolha do assumpto, a arte ingenhosa
Que n'um só quadro majestoso e grande
Todos uniu da portugueza historia
Os memorandos feitos, varões dignos

De eternidade e fama: louva o stylo
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
Qual o pede a materia; o sacro fogo
Do patrio amor, de glória, de heroismo,
Que, d'um por um, nos versos lhe scintilla.
De cortezãos, applaudem c'o monarcha
Alguns; outros sinceros congratulam
O trovador moderno que descanta
Na doce lyra o que perfaz c'o a espada.
Trasborda em júbilo a alma generosa
Do honrado Menezes. Mas não faltam
Aopé do solio nunca—inda mal! nunca—
Peitos vis, corações á glória alheios.
Por esses lavrou logo a inveja, o odio
Ao cantor dos Lusiadas: não soffre
Vício e ignorancia que virtude e merito
Appreciados sejam, conhecidos.
Fingem no intanto, que fingir é a arte
Maxima de palacios...

II.

—'Folguei muito'
Dizia o rei, e o gesto abrazeado

A verdade do dito affiançava,
'Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o ânimo
Ao sublime enthusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bâte
Com mais vigor o coração no peito.
Alma tera pequena e bem mesquinha
O portuguez que não mover tal canto.'
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real:—'Voltae a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido.'
Entrou a côrte pelos atrios regios.

III.

Rapido ia o sol no ceu descendo:
O guerreiro cantor volve a imbrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor proprio, mais doces quando ouvidas
De labios de monarchas: não promessas
De merecido premio,—nada agita

O sangue do esforçado navegante.
Se ideas taes despontam, breve as sorve
Remoinho de incontrados pensamentos
Que do anciado espirito lhe travam.
A mensagem, a carta mysteriosa
Revolve, e as circumstâncias; as palavras,
Interpretá-las quer.—Em vão; não podem
As conjecturas mais: fôrça é do dia
Aguardar impaciente o lento occaso.

IV.

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castello hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia ves empé suster-se
No escalavrado muro. Ja trabucos,
Dos seculos depois vaivem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outrora d'essas rocas, para alçá-las
Em torreões de morte:—impia fadiga,
Trabalho improbo e duro! A aza do tempo

Voando passa, e varre a obra do homem
De sôbre a face da esquecida terra.

V.

E disseras que de homens como os de hoje
Não poderam ser obra esses vestigios
Do immenso Babel que ves prostrado.
A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descahiram—e fixada
No incantado equilibrio, desafia
Fôrças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que ves, e a doble cêrca
Do castello, e a cisterna que ás devotas
Abluções, alli perto da mesquita,
Suas aguas philtradas ministrava.
E essa que, de tam longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces
Que ao surdo Allah mandava afflicto crente
Quando ja sôbre as azas da victoria
Cruz inimiga remontava á altura,
As humilhadas Luas arrojando

De precipicio em precipicio ao abysmo;
Essa inda em pé, no meio das ruinas
Desmantelladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fé, guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrellas do Yaman e os inlaçados
Characteres do Hydjaz!...

VI.

Arabe é todo
O aspecto que estás vendo. Mas attenta
Ahi n'essas quebradas menos duras
Como a pique se tem negro, inteiriço
Celtico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

VII.

Talvez permitte AQUELLE que de tudo
É norma eterna e lei, assim durarem
Quaesquer memorias que o respeito, a crença,
Errada embora, dos mortaes levante

Em seu nome... Das fábricas dos homens
Morredouras como elle—éstas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo.

VIII.

Alli, no mais solemne das ruinas
E no mais alto, alli n'um canto ainda
Solido da muralha fabricára
Solitario habitante d'esses ermos
Mansão tranquilla e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo.
Tapeçarias de heras verdejantes
Fórra a cortina da parede bronca,
E em cahidos festões se balancea
Sôbre a entrada do lobrego retiro.

IX.

Tradição é que nomeado vate,
D'alta beldade mysterioso amante,
Entre as fragas erguêra a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.

Saudade pelas pedras intalhada
Se lia em characteres bem distinctos;
E o nome de *Beatriz*, tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como echo das endeixas namoradas
Do cantor da soidão. Sentado viram
O genio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido attento
Ás canções magoadas e suavissimas
De Bernardim saudoso e namorado.[1]
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que—em seu mal—romantico alaúde
Ingrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princeza,—inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Extasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda[2] vivem que de ve-lo
Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,

[1] Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim

[2] No tempo da visita de Camões á serra.

Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando.

X.

Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado *
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Ve-lo-ha, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tam longa, da romage
Devota; mas só ve-lo,—e adeus eterno,
E para sempre adeus!... Crueis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

XI.

Este foi da poisada solitaria
O fundador, e unico vivente
Que desde então as frias cumiadas

* Veja nota no fim.

E ruínas habitou da antiga tôrre.
E este era o sítio que apprazava a carta
De incognita mensagem ao guerreiro.

XII.

Alfim no oceano se mergulha a lampada
Do firmamento maxima. Descia,
Como um veo, a nebrina sôbre a serra;
Ja lhe toucava a frente, e ía ligeira
Pela espalda, insensivel devolvendo,
Té lhe poisar as orlas na planicie.
No meditar profundo imbevecido,
O guerreiro, que aguarda ha muito a hora
Lenta da noite, não deu fe da névoa
Que humida todo em derredor o fecha.
Despertou-o a frieza inesperada
Que no alto das montanhas vem co'a noite.
Como no seio involto de uma nuvem
Mysteriosa se cuida;—olha d'emtôrno,
Nada ve, tudo incobre a névoa espessa;
Nada ve, mas distincta uma voz ouve:
—'Cumprido é o sonho, mas quebrado o incanto:
Ainda a viste,—unica vez na terra!

Nunca mais a verás. O veo, qu'é d'elle?
E a trança que, ao sepulchro sonegada,
Prenda foi de ternura?'
—'Ei-la commigo,
Sempre commigo. Restitui-la á campa,
Quando á campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem d'amor os mysterios e os da morte
Penetra assim? Do número dos vivos
Es tu, ou do moimento ha suscitado
Podêr fatal as cinzas dos finados
Para me interrogar?'
—'Vivo eu, sou vivo:
Conhece-me, sou eu, teu inimigo.
Teu inimigo hei sido: e eterna a vida,
Se crus, para tormento, os ceus m'a dessem,
Toda a odiar-te, inteira a abhorrecer-te
Pouca sería. Tu só me roubaste
Aquelle coração: tu sim, tu foste.
Tu m'o roubaste, que, sem ti, meu fôra.
Em vida te adorou; na morte... A morte,
Quem, senão tu, á ingrata lh'a ha causado?
Saudades a privaram da existencia.
Consola-me que ao menos não gosaste

Tanto amor, tanta fe, tanta belleza,
Que não mer'cias, não. Se digno d'ella
Houve mortal, a mim, que não a um...'
—'Conde!'
Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo
O rival lhe tornou:—'Sois offendido?
Desaffrontae-vos; ferro e braço tendes.
Nem vos fujo eu: porêm a minha espada
Jamais demandará um peito que ella...
Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma,
Bebêra o sangue que essas veias gyra,
Que n'esse coração bate co'a vida:
Mas veda-o juramento sacrosancto;
Guarda-lo-hei.—Maior é o sacrificio
Que prometti, maior.'

XIII.

Tira um retratto
Do seio: olhos sanguineos, arrasados
De despeitosas lagrymas, cravava
Na pintura;—com impeto os affasta
Logo, e diz:—'Cumprirei o que hei jurado.

Houve-o de suas mãos este depósito
Nas derradeiras horas: confiada
A um rival generoso foi a extrema
Vontade sua; fôrça é dar-lhe inteira
Execução, qual á minha honra cumpre.
Ei-lo aqui, o legado precioso;
Pela mão do inimigo amor t'o intrega.'

XIV.

Commovido do intimo do peito,
Magoada vista punha no retratto
O guerreiro, em cuja alma combatiam
Paixões tam desvairadas, tam confusos
Sentimentos e affectos, que expressá-los
Não saberia o coração que os sente.
—'Prenda cruel d'amor, dadiva infausta...
Antes querida!...' Aqui parou cortado,
Co'as ideas, o fio das palavras.
Mas continuou depois:
—'Forçais-me, conde,
Mais que a admirar-vos: o odio que me tendes,
Generoso rival, não me é possivel

Abrir-lhe o peito, não. Odiae-me embora,
Que vos amarei eu, maugrado vosso.
O retratto... Oh! jamais não será ditto
Que em pontos de honra e generoso brio
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso:
A um inimigo tal amor o cede.'

XV.

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
Os dous rivaes briosos que alta próva
Assim do nobre peito heroica davam
Em magnanimo duello de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavam
Que ciosos rancôres lhe frangêram;
E bem se via que os jurados odios
Ao generoso feito se rendiam.
Luctaram todavia; mas victoria
Em peito bem nascido ha sempre o brio.
—'Vencestes, cavalleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nullo,
Por vencido me dou em leal batalha:

De mim disponde.'
                    Avaliar o preço
De taes momentos, corações só podem
Grandes como esses dous tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços.—Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disseram: onde ha lingua
Com proprios termos para instantes d'esses?

XVI.

Como inimigos foram, são amigos.
Junctos choraram; junctos, esse objecto
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separaram-se alfim.—'Não deis ouvidos'
Disse o conde ao guerreiro, á despedida:
'A louvaínhas tredas de palacios,
E a promessas de côrte. Hoje estivestes
Com elrei; grande fama heis alcançado
E favor do monarcha: mas dobradas
Serão as malquerenças d'inimigos,
Os odios da ignorancia, e vis colluios
Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
Entrast' a elrei;—mal acertada porta.

Contae c'o desfavor dos precatados
Valídos que governam. Por honrado
Vos terão e virtuoso: abonos tendes
Em qualidades taes para seu odio.'

XVII.

Proximo o dia não tardou no oriente;
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a côrte. Na poisada,
Cuidoso da delonga, o missionario
Com ancia o aguardava: ambos caminho
Da lusitana capital se foram.

XVIII.

Corrêra a fama do louvor, do preço
Que dera o rei ao sublimado canto.
Prompto se offerece quem germanas artes *
Em dar-lhe vida e propagá-lo impregue.
Doutos e indoutos com geral applauso
Viram do novo Homero o canto insigne

* Imprensa.

Que á patria glória monumento augusto
Sublime erguia. Soa o brado ingente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

CANTO DECIMO.

Que exemplos a futuros escriptores!

Lusiad.

I.

O Tejo o ouviu no algoso de suas gruttas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as nymphas que o lidado canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, negras côres debuxaram
A injúria, o crime, a ingratidão tam feia
Que indelevel nos fastos portuguezes
É mancha horrenda e vil…

II.

Arqueja exangue,
Definha á mingua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da patria indigna,
O cantor dos Lusiadas.—Ah! como!
Que é das gratas promessas do monarcha?
Que é de tanta esperança lisongeira?
Perfidia baixa e crua, onde has pousado?
No coração da inveja e da ignorancia,
Do fanatismo barbaro. Soaram
Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortezãos hypocritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura d'impios bonzos,*
E a tyrannia infame de valídos
O guerreiro cantor assetteára.
Nas cavernas do peito refalsado
Odio cego lh'entrou; os beiços roxos,
Aridos com a sêde do vingança,
Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,

* Veja Lus., cant. IX, est. 27 a 29, e cant. X, est. 150.

Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na bôcca d'esse vate ousado.

III.

Vingar-se é fôrça; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem.—'Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo,
Á indigencia, á miseria ahi succumba,
E de sua ousadia o crime expie.'
Assim no coração lhes falla o odio,
E o cumpriram assim. Todo no appreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço que em sua cholera
Rei dera o ceu ao povo lusitano.
Só armas cura, só victorias sonha:
Geme intanto a nação, quasi presaga
Do desastre que a aguarda. Em Cintra fôra
Resolvida afinal prompta partida,
Que o monarcha impaciente appressurava.

IV.

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegára; o paço busca,
Ninguem o attende; o virtuoso Aleixo

Procura... No palacio ja não vive:
Tam livre sustentou, tam nobre e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,
Que irado Sebastião de sí o aparta;
E triumphando da virtude a intriga,
Por traidor e revel, ao cego joven
Seus imigos infames o affiguram.
Triste deixou as casas venerandas
De seus reis, onde quasi um sec'lo o viram,
Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe
Mais brilho e honra com leaes virtudes.

V.

Ao guerreiro cantor foi ésta nova
Triste preságio, córte d'esperanças.
Corre audiencias em vão;—vazio é o throno.
Frio ministro em nome do monarcha
Ouve indiff'rente as súpplicas do povo.
Entre a ignorada turba é confundido
De tristes, desprezados pretendentes
O divino Camões...

VI.

Emtanto as velas
Ja pelo Tejo undivago branqueiam;
As phalanges de intrepidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando
Estão d'emtôrno as mães, estão espôsas
Os filhinhos nos braços amostrando
Aos paes, que o gesto angustiado voltam
Para os não ver, que se lhes parte alma.

VII.

Mas quem são esses dous, que ahi na praia
Tam estreitos se abraçam? Correm lagrymas
Por olhos que a vertê-las não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido,
Peitos que o não contêem.
—'Adeus!... A vida
É mais difficil, filho, do que a morte:
Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
Que sois christão: perdoae...'
—'Perdoar eu!... Nunca.

Malvados que me roubam tal amigo!
Unico amparo só que me restava;
Que d'involta co'a patria, co'as esp'ranças
D'um povo inteiro, a vil sepulchro o levam!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Accento de meus labios moribundos
Será de maldição sôbre essas frentes
Carregadas de crimes.'
—'Perdoae-lhes,
Perdoae: a affronta propria é juiz suspeito.'
—'A minha affronta, oh! essa, eu lh'a perdoo.
Mas a da patria...'
—'Adeus, adeus!'
Chegava
Elrei então; signal de partir soa:
E o vate e o missionario assim findaram
Sua triste despedida;—que mandado
Accompanhar a armada o monge fôra
Repentino, essa noute. O tredo fio
Descobríra o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina á Providencia,
E seus decretos humilhado adora.

VIII.

Fôra em-effeito o odio dos valídos
Que ao infeliz Camões arrebatára
Protectores e amigos. Desterrado
Por elles o virtuoso e nobre Aleixo;
Por elles inviado á certa ruína
Que ao malfadado rei, á flor do exército,
Á patria, nas areias escavaram
De Africa adusta, o missionario fôra.

IX.

Ja se movem as naus; e as altas pontes
Se ouriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto:—ânchora sobe, antenas
Se espandem... Lá te vas, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e glória.

X.

—'Que me resta j'agora?' os olhos longos
Para a frota que perde no horisonte,
Comsigo o vate diz 'O que me resta
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,

Um amigo, n'este arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer...'—Gemido, que ouve perto,
O interrompeu: era o seu Jáo que afflicto
O escutava: do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar:—'Ah! se eu não fôra'
—Com os olhos e as lagrymas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam—
'Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!'

XI.

Tu, generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrymas.
—'Tens razão; injustiça é grande a minha:

Inda tenho um amigo.'
                    Pausa longa
Seguiu éstas palavras; e no peito
Ao generoso Antonio desaffoga
O coração que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no íntimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Poisa no hombro fiel, o peito incosta
Sôbre o peito leal do amigo...—Amigo
Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
E que és tu mais?—Era de ver, e digno
Espectaculo adonde se cravassem
Os olhos todos d'essa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Ríra-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára.

XII.

—'Oh meu amigo, oh meu Antonio' disse,
No remendado seio a face altiva
Escondendo, o guerreiro 'Oh! ésta noite
Aonde, em que poisada a passaremos?'
—'Meu bom senhor, um gasalhado tenho *
Achado ja; que bem vi eu não ieis
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
De vós não é; mas sabeis...'
—'Sei, amigo,
Que só tu, n'este misero universo,
—E o sepulchro tambem—alfim me restam.'

XIII.

Junctos á margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noite era formosa,
Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
Não suscitam amargas? Perto passa

* Veja nota no fim.

D'aquella gelosia, aquella mesma *
Donde os doces pinhores, donde a carta
Recebêra fatal. Quam demudada,
Quam differente está do que a ja víra,
Essa praia tam placida e saudosa!
Um platano frondoso que hi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se incostou, aguardando a hora tardia,
—Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!
Cuja sombra, em luar pouco propício
A amantes, o occultou de agudas vistas
De curiosos-profanos e inimigos...
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consumme.

XIV.

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos,—qual o tempo

* Veja canto IV, no principio.

Para infelizes anda—sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos.—Mas a mão tremente,
Incarquilhada e sêcca ja sòbre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome alfim.—Clamor pequeno
Que de minhas endeixas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Ja pelo mundo ingrandecido echoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Éstas do extranho * bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV.

Não póde mais o coração co'a vida;

* M. Raynouard, na sua ode a Camões.

E lenta a morte c'o infezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso...
Bem vinda sejas, hora do repoiso!
Com a trémula mão tenteia as chordas
D'aquella lyra onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria...—oh! e que patria os ceus lhe deram!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes:
Pela última vez as chordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento infraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI.

—'Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos

Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII.

'Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquillo direi: *vivi;*—tranquillo
Direi: *morro.* Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldicções, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes heide incostar-me...

XVIII.

'Ja me sinto ao limiar da eternidade:
Veo que innubla, na vida, os olhos do homem,

Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... Oh! qual te has feito,
Misero Portugal!.. oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos máres!.. Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana?[1] A morte,
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX.

'Que naus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros[2]
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas poppas descobrir as Quinas.
Em vão; da hástea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos portuguezes.

XX.

'Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da glória lusitana... uma faísca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla:[3]

[1] O captiveiro castelhano dos 60 annos. [2] Hollandezes, etc. [3] Veja nota no fim.

Mas quam debil que vens, sôpro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, infêrma
Só te ergues d'esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

XXI.

'Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que máres? Ja teu nome ignora
Neptuno que de ouvi-lo estremecia.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?
'¡Oh patria! oh minha patria!...'

XXII.

A voz, que affroixa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de extranho que na estancia humilde
Entra do vate: —'Perdoae se ousado
Entrei, senhor, mas...'
—'Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a poisada obscura
D'um moribundo saiba?'
—'Cavalleiro,
Desde o alvor da manhan que vos procuro:
De Africa hoje cheguei...'
—'Ah! perdoae-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?'
—'Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.'—Ao vate a carta intrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,

De allívio e de esperança.—'Extincto é tudo
N'esta mansão de lagrymas e dores'
—As lettras dizem—'tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos...'

XXIII.

—'Oh! consolar-me' exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cai: 'Perdido
É tudo pois!...' No peito a voz lhe fica;
E de tammanho golpe amortecido
Inclina a frente... como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.
Os olhos turvos para o ceu levanta;
E ja no arranco extremo:—'*Patria, ao menos*
Junctos morremos...' E expirou co'a patria.

—

Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulchro siquer... Raça d'ingratos!
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,
Uma lettra singela! — A vós meu canto,
Canto de indignação, último accento *
Que jamais sahirá da minha lyra,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tammanho crime,
E eterna a voz me gelará nos labios.
Lyra da minha patria, onde hei cantado
O lusitano — invilecido! — nome,
Antes que n'esse escolho, em praia extranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

* Veja nota no fim.

NOTAS.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO.

Nota A.

Saudade:

Mavioso nome que tam meigo soas
Nos lusitanos labios. . . . . pag. 1.

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas bôccas dos Sycambros:

o que particularmente se deve intender dos Francezes tam presumidos de sua lingua tam apoucada. De que a

denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testimunho é Boileau que, em um dos seus opusculos latinos, de si proprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural da falsa idea que têem os Francezes do seu idioma, é a universalidade que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco ou quasi nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicavel é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos auctores e litteraturas estrangeiras ajuizam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes.

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabía o seu pouco de Inglez e em Inglaterra havia demorado, diz blasfemias quasi incriveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton ou as originaes e energicas altivezas de Shakspeare. Eguaes barbaridades commetteu pretendendo revelar os mysterios de Dante. E que injustiças não fez elle ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de Portuguez saber nem uma lettra! Conhecia somente dos Lusiadas o poucachinho que era possivel ver pelo infiel e baço reflexo da pessima traducção de Fanshaw em Inglez: lingua que elle Voltaire pouco mais sabía.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a fallar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De *saudade* qui-

zera eu dizer ainda alguma cousa.—Saudade, palavra, cuido que vem, por derivação obliqua, do latino *solitudo.* Obliqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo*, solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por ésta synthese (ou pela anályse que é obvia) se vem a intender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é—os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancholico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos por que suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc.—E tanto por saudade se deve intender *este desejo do ausente e solitario,* que os Latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium :*

> Quis desiderio sit pudor aut modus
> Tam chari capitis?—

Ja d'aqui mesmo se ve a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a idea do poeta; mas para melhor se ver a falta absoluta que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões que d'esta sublime ode de Horacio fizeram os diversos traductores.

Nenhum livro aqui* tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquirir o que não sei:

* No cabo de Normandia, em França, onde se escrevia ésta nota.

porisso, e porque não tenho a feliz reminiscencia de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallelos de Francis e Daru, os dous mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor intendeu e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu ésta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Sanctos usou do termo saudade na sua — fôrça é dizê-lo — insipida versão. Mas o certo é que das linguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a idea e a expressão (embora insufficiente á idea) de Horacio se possa trasladar, se não for a saudade portugueza que lhe é superior. O *regret* dos Francezes, alêm de differente cousa, mais para a angústia do remorso ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distincção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Synonymos de Girard se verá quanto acérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem ver como se traduzirá, a não ser em Portuguez, aquelle tam bello e delicadamente voluptuoso pensamento de Catulo, ao pardalzinho da sua Lesbia:

Quum desiderio meo nitenti
Carum nescio quid lubet jocari,
Et solatiolum sui doloris.

. . . .

Quando saudades minhas a angustiam
E acha não sei que gôso no folguedo,
Pequeno allivio para a dor que a punge.

(Nota da primeira edição.)

Amador Arraes traduzindo a bella e melancholica poesia do psalmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,

verteu assim:

Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de orthographia e pronúncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só n'esta traducção, mas no uso amiudado que da palavra faz em outros muitos logares; como: — «Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus;» — e n'outra parte: — «Bom foi a Lot fugir para a *soedade.*»

É fôro da lingua portugueza conservar todas éstas variedades de escriptura e de sentido. Em prosa, porêm, eu diria sempre, n'estes casos, *soledade,* e não *saudade, soidade* ou *soedade*, para designar a *situação do que está só;* assim como direi *solidão* em prosa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o *sitio solitario em que esse esta* Salvas todavia as liberdades poeticas: as quaes liberdades

não são, inda assim, a anarchia das doudices romanticas exageradas. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B.

Entre os olmedos
Que as pobres águas d'este Sena regam . . . . pag. 2.

Quasi todo este poema foi escripto no verão de 1824 em Ingouville aopé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei alli cêrca de dous annos da minha primeira emigração, tam só e tam consumido, que a mesma distracção d'escrever, o mesmo triste gôsto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Genio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho: e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. Branca, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde Julho até Outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do Camões que primeiro começára, e que só fui acabar a París no hynverno de 24 a 25. E quasi que enho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das ingelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que n'uma agua-furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J. V. Barreto-Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio,* eu lidando

no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado — e com esperanças largas no futuro.— Graças a Deus, de mim sei e d'elle creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!...— *(Nota da segunda edição.)*

Nota C.

Vem no carro
Que pardas rôllas gemedoras tiram. . . . . pag. 3.

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade, ainda a íra, a tristeza, a alegria; porque o não será tambem a saudade? Beatifico-a eu, que n'este caso me tenho por tam bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades
Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da suberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus: quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes e gemedoras rôllas? *(Nota da primeira edição.)*

Nota D.

Deixa o caminho da infeliz Pyrene . . . . pag. 3.

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Hespanha; e em França era thema de todas as vaidades da restauração o imbelle triumpho do Trocadero. D'ahi a seis annos estava vingada a injúria da liberdade peninsular; vingada, não, castigada: que ha um Deus e uma Providencia para os povos tambem. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E.

Minha terra hospedeira, eu te saúdo! . . . . pag. 3.

Na primeira edição le-se:

Eu te saúdo, ó terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospitaleiro* n'este sentido podia ser taxado de gallicismo. Aconselharam-me *gasalhoso,* por superiores abonos classicos. Mas gasalho, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, íntimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar,* é o latino *fovere.*—A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede *agasalhado* levam-n'o para o melhor e mais interior d'ella, como a filho querido e bem vindo.

Eu quiz designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achámos sempre n'aquella ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F.

Certo amigo na angústia . . . . pag. 4.

O Sr. Antonio Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devedores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros com que generosamente accudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição d'este opusculo, e n'esta segunda folgo de ter occasião de estampar por inteiro o seu nome que, receioso de o comprometter, alli incolhêra na só inicial do seu último appellido. *(Nota da segunda edição.)*

Nota G.

O extremo promontorio
Que dos montes de Cinthia se projecta . . . . pag. 6.

A Roca ou Cabo-da-Roca, ponta extrema da serra de Cintra a que os antigos chamaram serra da Lua. *(Nota da primeira edição.)*

Nota H.

Gesto onde o som da bellicosa tuba
Jamais a côr mudou .... pag. 7.

Inverti n'aquelles versos a idea de Camões:

Mas da tuba sonora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:

não no contrário sentido, mas em outro differente. Camões falla do tremendo som do clarim, no princípio da batalha, que muda a côr do rôsto aos combatentes; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem ja nem esse tremendo som póde fazer infiar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I.

As feições nobres do gentil guerreiro .... pag. 7.

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descripções dos biographos e o retratto de Severim de Faria. Além d'isso, a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os Inglezes ainda hoje a usam para expressar attributos moraes: e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem bello; *gentileza de uma acção, genti-*

leza de proceder, claro, não são phrases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. *(Nota da primeira edição.)*

Nota J.

Ja na terra,
Que a ôlho se avizinha, as mal distinctas
Diversas côres, etc .... pag. 8.

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca imbarcasse; nem, se n'elles ha alguma verdade de pintura, lh'a poderá achar quem ignore o prazer inexplicavel que sentem olhos cançados da monotonia dos ceus e das aguas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso spectaculo da terra que pouco a pouco se avizinha. *(Nota da primeira edição.)*

Nota K.

'Piloto' gritam; e a um signal de bordo .... pag. 9.

É de ver no riquissimo poema de Byron, o Child-Harold, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ahi cousa que não é muito para lisongear o amor proprio nacional; mas tenha paciencia, que ainda assim não é muito grande a injustiça do nobre lord. *(Nota da primeira edição.)*

Nota L.

Tôrre antiga e veneranda,
Hoje tam profanado monumento
Das glórias de Manuel . . . . pag. 10.

É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega: —'aqui moram barbaros!'

O bello monumento da Tôrre de Bellem está comeffeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfettações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena peninsula em que hoje se acha a tôrre, lavrou o mal para o continente: a egreja e convento de Bellem foram invadidos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores como aquelles monges da meia edade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e Tito-Livio para escrever porcima as inuteis cenreiras de seus commentarios e summulas.

No templo magnífico de Bellem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino** as duas principaes capellas do cruzeiro estão cober-

* Obteve porfim o indicado nome, hoje europeu, depois das ultimas publicações do Sr. Conde de Rackzinski.

tas, uma por um *presepe com bonecos de barro!* outra com cortinas de damasco e paineis d'estes de se dizer ao auctor:—*Põe por baixo o teu nome e estou vingado!* A frontaria da parte do convento que deita sôbre a praia, é toda tam recosida de remendos caiados no meio d'aquella pedra pullida e amarellada dos seculos, com tanta janellinha de agua-furtada por entre aquelles veneraveis arcos da sua primitiva structura, que alli só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal d'hoje: ruínas da grandeza antiga implastadas da mesquinhez moderna, o triumpho do mau gôsto e da ignorancia sôbre a sciencia desprezada e proscripta. *(Nota da segunda edição.)*

A tôrre de Bellem foi desimplastada e restaurada em 1843 pelo bom gôsto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu illustre governador. A egreja de Bellem limpou-se emtanto, e se poseram vidros de côr em duas janellas, graças ao amoravel e illustrado zêlo de S. M. Elrei D. Fernando, a quem ja tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cadavez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vandalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao ceu. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos nescios que nos governam e

que só a zurros attendem; mas chegam á alma dos que a teem, e pouco a pouco vão callando na opinião até que algum bem arrancam a esses mesmos papellões impotentes que erigiram a ignorancia farfalhuda e a impotencia presumpçosa em qualidades de homem d'Estado. *(Nota da quarta edição.)*

Nota M.

Do homem que é mau do berço á sepultura .... pag. 11.

Não quiz, certo, enunciar a doutrina dos Hobesianos, que não sou tam mysanthropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fructo de habitos ruíns, e depravação que os degenerou; não que das mãos do Creador sahissem as bêstas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superficie da terra. *(Nota da primeira edição.(*

Nota N.

Á fé que não, gritou c'o accento ousado .... pag. 12.

Bo'fé e Á fé são interjeições portuguezissimas ambas, que valem: *por certo*, *por vida minha;* e são abreviatura de: *á fé de quem sou; por minha fé; por minha boa fé.* Bo'fé póde acaso ser taxado de archaismo, e não o usarei eu em escriptura séria; mas á fé, não. *(Nota da primeira edição.)*

Nota O.

Por minha vida o que quereis ao Indio? .... pag. 12.

Na minha primeira edição le-se—'Por vida vossa': o que agora, novamente reflectindo, me parece melhor e mais certo. *(Nota da segunda edição.)*

Nota P.

Intervir na disputa mal-ferida .... pag. 15.

O adverbio *mal*, quando anteposto a *ferido,* em legitimo Portuguez, augmenta, que não diminue a fôrça do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiudo se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escriptores: 'batalha mal-ferida' por 'batalha mui travada e renhida' etc. *(Nota da primeira edição.)*

Nota Q.

Ricco de affrontamentos e trabalhos .... pag. 16.

O affrontamento é o effeito do nimio trabalho; e o trabalho a causa do affrontamento ou cansaço: n'isto se distinguem. Advirta-se porêm que o uso vulgar de affronta e derivados, por *injúria*, insulto, ou pena e afflicção que

d'ellas resulta, é o sentido figurado e translato, que não o proprio da palavra. Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer aggravo. Mas *affrontamento* sempre se toma na accepção natural: *affrontoso*, ao contrário, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, deshonrador e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso, disseram os nossos auctores. *(Nota da primeira edição.)*

Nota R.

Poucos pardaus contém — menos me ficam . . . . . . pag. 18.

Moeda da India que o commércio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *mimos indianos*

> Vieram fazer-lhe os damnos,
> Que Capua fez a Annibál.

O bom Sa-Miranda, que ja d'isto se queixava n'aquelles versos, em outra parte dá testimunho da muita abundancia com que a moeda circulava no reino até pelas mais certaneijas commarcas:

> Eu ja vi correr pardaus
> Por Cabeceiras-de-Basto.

(Nota da primeira edição.)

Nota S.

Quando no berço teu, bardo sublime . . . . pag. 21.

Em Warwickshire, patria de Shakspeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei á volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e porventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza*, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem éstas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não ha um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amizade, mais sagrada para mim que nenhuma outra. *(Nota da primeira edição.)*

Nota T.

E ess'outro?—Deu-lhe o ser matrona do Ebro . . . . pag. 26.

A idea d'este missionario castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos Lus. quando falla de um Fray Josepe Indio, proprietario que foi do famoso exemplar de lord Holland. *(Nota da primeira edição).*

AO CANTO SEGUNDO.

Nota A.

Que agudos huivos desgrenhadas gritam . . . . pag. 31.

As carpideiras, mulheres cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos prantos, arrepellando-se e fazendo outros varios tregeitos que n'aquelle tempo eram de uso. Este costume antiquissimo veio-nos dos Romanos ou mais de longe talvez. Provincias ha inda na Europa onde subsiste todavia. *(Nota da primeira edição.)*

Nota B.

De escuro vaso e longo dó vestidos . . . . pag. 32.

Que estofos estes fossem de vaso e dó, ou lucto e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje ao certo. Conjecturo que *vaso* sería porventura o que agora chamâmos fummo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e lucto que se traz no chapeo e espada, e que tambem no chapeo antigamente se trazia, mas tam comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o auctor do Elucidario para dizer que *vaso* era um capello. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C.

A gemedora viração da noite . . . . pag. 32.

Escrevo desvairadamente 'noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo' e similhantes, não só por conservar esses riccos foros da lingua, mas porque n'esta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. *(Nota da primeira edição.)*

Nota D.

Clarão triste de mortos . . . . pag. 32

É phrase mui commum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que só é *vulgar*: aquelle é quasi sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mister bom criterio e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e estremar os tropos dos solecismos.—'Luz de mortos' dizemos de uma luz baça e que tristemente acclara, como a tocha funebre á roda da eça, ou na procissão do interramento. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E.

Ruim agouro! um sahimento funebre . . . . pag. 32.

Funeral, intêrro, sahimento, interramento são palavras synonymas, i. e. são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se approxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha que em sua raiz, derivação (e essencia, para assim dizer) têem acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso — distingamos o uso classico e o uso popular, do abuso de tarelos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distinctas. Fôrça é tambem dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infallivel norma n'este ponto, e de seguir-se ás cegas. Ésta deficiencia dos classicos, a notou ja o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, nos seus synonymos. Á philosophia dos nossos tempos, que tem acclarado as mais remotas provincias da litteratura e das sciencias, a ella só é possivel o dar fio a este labyrintho, e mondar com regra e ordem as incultas devezas das linguas que sem ella se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem comtudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que fallâmos uma linguagem solemne, ricca e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto como a franceza: ja não

digo ingerir-lhe tanto vocabulo peregrino como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas deestropeada e feia symetria quando vistos junctos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom diccionario de synonymos, e outro de origens ou etymologico, nunca chegaremos a fallar uma lingua perfeita e de nação civilizada. Quem se occupará d'isso? A academia, que ficou no *azurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonymicamente: *Sahimento* é a procissão que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convoi*): mas o restante e o antecedente da ceremonia do funeral ja se não podem chamar sahimento. *Intêrro* é mais lato, e comprehende, ainda alêm da procissão, as outras partes do funeral. *Interramento* é a propria e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo ainda mais, porque *exequias*, por ex., são funeral tambem e nada têem com o intêrro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras, parecidas no sentido e escriptura, e todas da mesma familia, têem comtudo entre si certas differenças que, sendo matiz imperceptivel para o illitterato, são notaveis distincções para o que falla e escreve com exacção a sua lingua. *(Nota da primeira edição.)*

Nota F.

Entravam
Os viajantes no templo . . . . pag. 36.

Diz-se por ahi em Portuguez, *viageiro* ou *viajor*, ou *viajante ou viandante*, indistinctamente: mas é mister distinguirem-se estes vocabulos, porque ha entre elles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tamsomente se póde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos; d'esta sorte *amador* só se póde dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, idea amante, nunca dizemos coração amador, idea amadora, etc. Assim *viajor* é strica e unicamente a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas tambem qualidades, circumstancias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrario, é impessoal e só se refere a cousas, attributos. Trabalhos, incommodos viageiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante,* que á lettra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue-se de todos aquelles, em que somente se póde dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes* mas nunca *viandantes*. O viajante corre terras e máres; o viandante não passa

da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. *(Nota da primeira edição.)*

Nota G.

Natercia d'echo em echo repetiram . . . . pag. 44.

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagramma a D. Catharina de Atahide.—Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poetico do que Marcia ou Marilia com que nos seccavam os poetas e soneteiros da eschola que ultimamente morreu, *apunhalada* e *invenenada* pelos Antonys de aguda pera e longas melenas. Até aqui, e muito mais alêm, eu vou com a *revolução.* Mas n'este logar conservei o anagramma em respeito ao meu heroe e mestre. *(Nota da segunda edição.)*

AO CANTO TERCEIRO.

Nota A.

Pranchas d'escuro til, rudo lavradas . . . . pag. 48.

O til é madeira escura e de pouco pulimento que n'aquelle tempo se usava muito. Vêem-se ainda restos em casas antigas. *(Nota da primeira edição.)*

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural florésta que era, vegeta ainda, como indigena que é, ésta bella árvore. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B.

De Perugino ou Vasco á infancia d'arte . . . . pag. 49.

Perugino floreceu na Italia á volta do sec. XV, infancia da pintura; Vasco, ditto o gran'Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal. *(Nota da primeira edição.)*

Muitos escriptores nacionaes e extrangeiros tinham começado a duvidar da existencia de gran'Vasco, a suspeitar que este nome querido dos Portuguezes não fôsse mais que um mytho. As viagens e escriptos do Conde de Rackzinski comprovam porfim a existencia de gran'Vasco, a sua naturalidade que é Viseu, e a excellencia de suas qualidades de artista. *(Nota da quarta edição.)*

Nota C.

Virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão . . . . pag. 49.

Ja dos versos citados no princípio d'esta nota, e muito mais dos que se seguem, parece deprehender-se uma idea e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessario rectificar.

A philanthropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoismo, senão nos effeitos, no princípio ao menos: deriva da regra social 'faze aos outros o que queres que te façam.' Espera retribuição, vem do desejo

e da precisão d'ella. A charidade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Elle e para Elle obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas acções.

A charidade pois não é o mesmo que a philanthropia: ou mais exactamente, a charidade é uma philanthropia, mais pura. Aquella é virtude de homens, ésta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesu Christo: 'Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.'

Graças a Deus que ha quatorze annos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas n'aquella edade nem o espirito reflecte tam fundo, nem o coração communga tam íntimo, em nossas ideas e sentimentos. D'ahi parece talvez agorentado pelo sarcasmo philosophico o pensamento ardente d'alma que se invergonhou de apparecer todo e como é. Reputo quasi uma fraude ao público alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo somente na nota o que não quiz emendar no texto. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D.

Do castelhano cenobita o hóspede . . . . pag. 52.

Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra 'hespanhol' designando exclusivamente — o habi-

tante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e ja muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos, eramos por extranhos e domesticos commummente chamados *hespanhoes*; assim como ainda hoje chamâmos allemão indistinctamente ao Prussiano, Saxonio, Hanoveriano, Austriaco: assim como o Napolitano e o Milanez, o Veneziano e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcacerkebir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitâmos ésta peninsula. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E.

Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre . . . . pag. 57.

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão d'elrei D. Duarte, tendo ficado de arrefens por Ceuta, em podêr dos Mouros, morreu no captiveiro por se lhes ella não intregar. Camões immortalizou — alias celebrou ésta immortal constancia do *infante sancto*, que, diz elle:

Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava.

Mas devendo-se a Camões a popularidade de tam insigne feito, deve-se-lhe tambem o vulgarizar-se um êrro commum — pois geralmente se crê pelos que não teem profundado a nossa historia (e quantos o fazem?) que por sua vontade unica o infante quizera antes passar a vida, de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta: o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão elrei D. Duarte, mas sim as Côrtes que resolveram se não désse Ceuta pelo resgate do infante. O que elrei muito sentiu, mas não ousou contrastar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota F.

Ao vingativo conde. . ... pag. 60.

O primeiro conde da Castanheira, D. Antonio de Atahide, grande valído d'elrei D. João III. Veja o que a este proposito diz D. J. M. de Sousa na sua magnífica edic. dos Lus., vida de Camões. Veja tambem Memoria do Sr. bispo de Viseu no tomo 7 das da Academia R. das Scienc. de Lisboa de 1821. *(Nota da primeira edição.)*

Nota G.

O templo
Que a piedade e fortunas appregoa
De Manuel o feliz .... pag. 64.

O templo de Belem, em que me não canço nunca de fallar, é o nosso Westminster; e o seu convento, desde

que deixou de o ser, só devia applicar-se a um asylo de marinheiros invalidos. A sua historia, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o characteriza para esse destino. Collegio de rapazes, obrigado por tanto a alterar-se na fórma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casareo velho, remendado sem gôsto, do que o bello monumento antigo que é, isso é que elle nunca devia ser.

Um nobre e precioso relicario de tudo quanto fôsse glória do nome portuguez devêra ser aquella bella egreja. Alli o verdadeiro Pantheon. Alli jazigo de reis — quanto melhor que n'um esconso recanto de S. Vicente! Alli todos esses tumulos e inscripções que desapparecem e se oblitteram todos os dias por essas egrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedr'Alvares Cabral não será mandado sahir, um dia d'estes, da egreja da Graça em Santarem pelo regedor de parochia? * Os

* O Sr. Varnhagen copiou, o anno passado, 1838, do jazigo de Pedr'Alvares Cabral, que é na Graça de Santarem, o singelo e curioso epitaphio do illustre descubridor do Brazil; diz assim:

Aquy jaz Pedral uares Cabral e dona Isabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquall depols da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João noso snõr hu terceyro deste nome.

Esta infanta D. Maria é a que nascêra em Coimbra a 13 de Outubro de

ossos dos Velascos ahi andaram nas ruínas de Lisboa á vista de nós todos — em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está á porta de S. Domingos de Bemfica, como quem vai para sahir: começaram os frades — acabará outro possuidor tam bom como elles. D. Diniz expulso pelas freiras de Odivellas para uma capellinha obscura, em ella cahindo — e que templo antigo e venerado ficará empé em Portugal com mais dez annos como estes ultimos cinco! — irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por elle nos pintou o reino esclarecido e florescendo

> Em constituições, leis e costumes
> Da terra ja tranquilla claros lumes!

Alli, digo eu, em Belem o nosso *Poets-corner*, para desaggravar os manes de Camões, para dar poiso honrado ás cinzas de antigos e modernos que, pobres e despreza-

1527. Casou em Salamanca com D. Philippe, principe de Castella, a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 en Valhadolid. — Jaz no Escurial.

D'onde se deduz que Pedr'Alvares Cabral se finou entre o anno de 1527. e o de 1545. *(Nota da segunda edição.)*

O mais que n'este logar se diz na nota H ao terceiro canto, pag. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora supprimo, é êrro que proveio da pressa com que se extrahiu a inscripção e a noticia de um jornal litterario de Lisboa em que primeiro apparecêra. *(Nota da terceira edição.)*

dos toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem posthuma vem a justiça a ninguem.

No Diario do Govêrno n. 163 d'este anno barbarico, ahi vem o *Paço-de-Sousa* a vender—por quanto?—Um ministro portuguez que se atreve a mandar pôr em almoeda uma reliquia d'aquellas, não sei com que o compare. Com o prodigo sem vergonha que manda á feira da ladra os retrattos de seus avós. Que tira d'ahi o miseravel? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais, e deshonrou-se para sempre.

Mais outro capítulo de accusação contra o nosso beduíno Thesouro A egreja do Carmo de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim ditto)—alluga-se todos os annos por não sei quanto: e aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma somma que decerto hade cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos annos:—creio que são dôze mil réis!—Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que alli habita e trabalha, e'que a ferro e fogo de tal modo degradou ja o interior da egreja, que está quasi na altura das ideas modernas. *(Nota da segunda edição.)*

Finalmente o Thesoiro teve vergonha e ja não aluga a egreja de Nun'Alvares. Mas quem toma cuidado d'estes

e d'outros que taes monumentos? Acho que ninguem: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. *(Nota da terceira edição.)*

No memoravel anno de 1852 decretou o fomento que a egreja de Nun'Alvares fôsse convertida em sala de exposição de indústria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e peior sentido. Não póde ser senão templo o que é templo e de tal historia. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avêsso.

Um porêm veio emfim a direito; que foi a nomeação do meu illustre e nobre amigo, o Sr. Marquez de Loulé para provedor da Casa-Pia. Do illustrado zêlo e apurado gôsto d'aquelle fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que elle merece e deve ter, mas tambem que restaurado o monumento, se desaggrave a arte e a historia que n'elle estão vilipendiadas com tanto desacato. *(Nota da quarta edição.)*

Nota H.

Como o incerado rôlo sôbre as aguas
Unico leva á patria o nome e a fama
Do perdido baixel. pag. 68-69.

Succedeu mais de uma vez que, soçobrando galeões que vinham da India, lançava o capitão ao mar um rôllo

incerado e bem fechado de folha-de-flandres em que incluia o nome do navio, dia e anno em que se perdêra, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim d'aquelle galeão. Veja Hist. trag. mar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I.

Um reflexo
De inspiração maior que humana coisa. . . . . pag. 69.

O pensamento verdadeiro e dominante d'este poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de immortalizar o nome portuguez com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens, seus estudos, suas meditações, tudo tem um fim predestinado — a composição dos Lusiadas. *(Nota da segunda edição.)*

Nota J

Uma carta fechada a fio negro
De seda. . . . . pag. 70.

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou aínda; e algumas côrtes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e principes nas *grandes occasiões. (Nota da primeira edição.)*

Nota K.

—Sancta-Fé se chama
O galeão.................................. pag. 70.

Na primeira edição sacrificou-se a verdade historica ao que pareceu mais poetico, lendo-se:

—O galeão Dom-Vasco
Se diz.

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Sancta-Fé. N'elle imbarcou em Sofalla o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, Dec., D. J. M. de Sousa, Faria-e-Sousa, etc. *(Nota da segunda edição.)*

Nota L.

Corteja e parte logo.—Que será?............. pag. 74.

É verso agudo, accintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideas que a accompanha. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO QUARTO.

Nota A.

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após os nossos foram.......... pag. 82.

Julgava Christovam Colomb ou Colon que a Asia se prolongava para o oriente; e suppunha, com a maior

parte dos sabios do seu tempo, que a circumferencia da terra era menor do que ella é na realidade. A este duplo ingano, ás informações e papeis que, pela parentella de sua mulher, houve dos navegadores portuguezes, devêmos principalmente a descoberta da America.—Casára na Madeira Colomb com uma senhora Perestrello. Veja vida de Colomb por seu filho Fernando Colomb, cap. V, Washington Irving, liv. I, cap. 5.

Os célebres mappas da Cartucha d'Evora, (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35) dizem-me provar que em Portugal, antes de Colomb, havia ja noções da America.

Colomb residiu algum tempo em Islandia, cujos navegadores, está hoje fóra de toda a dúvida, conheciam o norte da America muito antes d'elle.

E os famosos sibyllinos versos de Seneca:

Non erit terris ultima Thule!

quem os explicará?

Pedr'Alvares Cabral, por outro acaso—o de Colomb não fôra mais—completou a descoberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colomb. Americo Vespucio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a glória!

Que não haja um Portuguez que revindique as usurpações que todos os dias nos fazem extranhos, e releve

mais claramente o que ja apontou o nosso Barros a este respeito! *(Nota da segunda edição.)*

Temos no Sr. Visconde de Santarem quem nos desforce de todas éstas usurpações. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B.

O astro novo, não visto de outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse. . . . . pag. 83.

Os Portuguezes só passaram o Equador em 1472. Então lhes appareceram novo ceu e novas constellações; então viram os primeiros olhos europeus o polo austral e as quatro estrellas últimas que lhe ficam aopé. Mais de um seculo antes d'isso, Dante tinha adivinhado éstas quatro estrellas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente.
DANTE, PURGAT., CANT. I.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos? — Certamente o mesmo *Ignotus Deus* que inspirou a Seneca o

Non erit terris ultima Thule.

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a sciencia do erudito, o cálculo do sabio?

Em boa e singella prosa, o que me parece provavel é que alguma tradição scythica, ignorada ou talvez despre-

zada dos sabedores d'esse tempo, chegasse a Seneca, e por superior talento avaliasse elle o que outros escarneceram talvez. Alguma saga dinamarqueza ou islandica achou acaso no Dante o mesmo genio transcendente que avalia e préza o que a vulgaridade tracta muita vez de absurdo e ridiculo. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C.

No ar se me affigurou troar de nada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancellos do Oriente alli guardasse . . . . . . pag. 85.

Parece-me muito provavel que realmente a vista d'aquelle immenso e terrivel promontorio suscitasse a Camões a idea magnifica da sua metamorphose: talvez a não houvera elle concebido se de Portugal não sahisse. *(Nota da primeira edição.)*

Nota D.

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava . . . . pag. 90.

Allude á célebre composição —*Disparates na India.*— Que ella foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da patria, são abono todos os biographos de Camões.

Faria-e-Sousa, na segunda vida do poeta, n.º 18, não

se atreve a desculpar a aspereza e vehemencia da satyra. Na memoria do Sr. bispo Lobó parece provar-se que o destêrro para Macáo fôra suavisado com o provimento no cargo de provedor-mor dos defunctos que o governador Francisco Barreto, simultaneamente ou logo depois, lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões ésta satyra, fundando-se no nenhum talento poetico que lhe nota. Por mim adopto mais facilmente a opiniäó do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos Lus. por D. J. M. de Sousa-Botelho, París 1817; Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa tom. VII, 1821. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E.

Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon . . . . pag. 92.

As chronicas dos Chins reduzem toda a nossa chronologia a coisa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como sería. Confucio não é inferior em bondade de móral a Socrates; e quando os amores de Phedon fossem tam platonicos como os viu Mendelsohn, ainda assim não sería o Grego superior ao Chim. *(Nota da primeira edição.)*

Veja comtudo a eruditissima obra de Paw que reduz a seu justo valor as exagerações dos chronistas do *imperio celestial*, e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos outros Jesuitas das *Cartas edificantes*.

V. Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois, Paris an III. de la Rép. Franc. 2 vol. *(Nota da segunda edição.)*

AO CANTO QUINTO.

Nota A.

Alta a noute, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes...................... pag. 98.

Incontram-se no alto mar umas avesinhas que de noute dão sentidissimos e longos pios, ás quaes os marinheiros poseram o nome de *almas-de-mestre,* crendo superticiosamente que são as almas dos *mestres* ou capitães de navios que se perderam, e que andam n'aquelle fadario de pios em quanto seu corpo não chega a terra e obtem sepultura christan. *(Nota da primeira edição.)*

Nota B.

Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi. . . . . pag. 99.

O padre J. A. de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato. Assás foi refutada ésta miseravel accusação que só a paixão cega de tam louca rivalidade podia fazer dizer a um homem alias erudito e não sem ingenho. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C.

Na pedregosa incosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam. . . . . . . pag. 103.

Ás abas d'essa incosta parece ter sido antigamente a principal parte da villa, ou primitiva povoação de Cintra. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D.

Do bardo mysterioso o eterno canto. . . . . pag. 103

Lord Byron, que em seu extraordinario e inimitavel poema, o Child Harold, falla de Cintra com o enthusiasmo que as bellezas da natureza excitam em genios como o d'elle. Este grande poeta, o maior do seculo presente,

acabava de expirar na Grecia, onde o levára a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e á sua morte alludem os seguintes versos, que são imitados de uns do seu amigo e biographo, o suavissimo Anacreonte do norte, Th. Moore:

Onde um suspiro
De morte, etc.

(Nota da primeira edição.)

AO CANTO SEXTO.

Nota A.

Africana terra
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura . . . . pag. 115.

Era grande e altamente politico o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Hespanha reunido sob uma só coroa, conceberam que Portugal, para ser independente devéras, precisava de se alargar pelas fronteiras terras d'Africa, os Algarves d'alêm.

Mas foi sempre — talvez será sempre fado de Portugal não ter nunca idea politica, systema constante de govêrno. Variou-se, varía-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e perolas d'Asia, depois o ouro e diamantes do Brazil fizeram desprezar as praças d'Africa, onde era preciso

gastar muito e perseverar muitissimo antes que produzissem para a alfandega e para o erario.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos não eram tam loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

Ésta mesma grande calamidade despopularizou a idea. Tanto caso se fazia das praças d'Africa n'aquelle tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa commum da nação. No emtanto metteram-lhe os Castelhanos guarnição, e lá ficou d'elles.

O que são as coisas! Se nós tivessemos hoje as nossas praças d'Africa, não seriamos poderosos e queridos alliados dos Francezes? Com sua boa vizinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? Ás portas do estreito, um pé n'Africa, outro na Europa, sería Portugal o reininho das noventa leguas de quem todos escarnecem? Ja não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para diante sem saber aonde. Sophisma que esqueceu a Jeremias Bentham. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B.

D. Aleixo, estremado entre os mais nobres . . . . pag. 117.

D. Aleixo de Menezes, aio d'elrei D. Sebastião. *(Nota da primeira edição.)*

NOTA C.

Um Deus todo humildade e singeleza
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão . . . . pag. 118.

Estes versos censuram a fastosa e pharisaica profissão dos hypocritas; mas não houve a minima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade—alias orgulho ridiculo e mal disfarçado.

Ja havia Christianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Egreja o que só regía a Egreja.—Este argumento de um Anglo-americano ha pouco voltado ao seio da Religião Catholica, é a morte do Protestantismo. *(Nota da segunda edição.)*

NOTA D.

Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho . . . . pag. 119.

Veja as Conf. de S. Aug. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO SEPTIMO.

Nota A.

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla. . . . . pag. 131.

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sôbre se houve ou não nas Hespanhas o systema feudal propriamente constituido, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos d'architectura. Quem, descendo o Rhim e vendo aquelles tam riccos e picturescos montes coroados de castellos senhoriaes ainda ouriçados d'ameias e bastiões—quem não dirá: 'aqui dominou o feudalismo em toda a sua plenitude?'—Mas o que visitar as aridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Hespanha, e vir coroadas as suas alturas de esmoronadas fortificações moirescas, e o *paço* do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos egualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do valle, e sem mais distincção, apenas differentes nas proporções ou no gôsto do edificio—esse dirá necessariamente: 'Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o dominio africano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mister de castellos e pontes levadiças: destruíram o inimigo com-

mum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu —raça exclusiva de trabalhadores no alheo.'

O estudo das artes é de mais auxílio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B.

Que precedido vai por debeis cannas . . . . pag. 131.

Os porteiros da canna, que ainda se conservam no accompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sa-Miranda na sua carta a elrei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarchas portuguezes com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lessem. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C.

Menestreis tangem. . . . . pag. 134.

Nome que tinham no paço os musicos que ultimamente eram designados, creio eu, com o ignobil titulo de musicos das cavalherices. Dava-se-lhes ainda aquell'outro no tempo de D. João IV. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D.

E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos d'Ignez repete a lyra . . . . pag. 146.

As traducções dos Lusiadas começaram logo a espalhar-se por todas as linguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens,* este geral interêsse e universal enthusiasmo quasi desde o momento que appareceu o poema, o adoptarem-n'o logo por seu tantos paizes e linguas differentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quasi sempre sido o pobre Camões, observa o illustre litterato, com os seus traductores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o *Annual Review* para 1803: '*It is one of the curiosities of litterature 'that two englishmen of considerable genius should have 'employed themselves at different times in interpolating a 'portuguese poet.*—'É notavel curiosidade litteraria que 'dous Inglezes de consideravel talento se empregassem, 'em differentes tempos, em interpolar um poeta portu-'guez.'

Mas Inglaterra, e a sua litteratura, se alguma offensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memorias

são, com a edição do morgado de Mattheus, e a Memoria do Sr. bispo de Viseu Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têem alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quam pouco tenho procurado, e quam rara vez me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferencia que, desde 1820, quasi sempre tenho tido com os ministros que nos têem governado sob o regimen constitucional. N'estas raras excepções entrou a mercê que impenhadamente solicitei do favor Real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao auctor das Memorias de Camões. O Diario do Govêrno, que tanta cousa nos publíca que melhor fôra não dizer, nunca se dignou communicar á Nação este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua glória, do que para glória da Rainha. Julguei de serviço público deixá-lo trasladado aqui:

"Attendendo ao que Me representou João Baptista d'Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinario, Ministro Plenipotenciario junto a Sua Magestade Catholica; e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testimunho do apreço em que Tenho o distincto serviço que fez á Litteratura Portugueza na publicação das suas Memorias de Camões, que assim deram novo brilho á glória toda nacional do nosso pri-

meiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson de o Nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valôr, Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha intendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 d'Abril de 1838.—RAINHA. —*Antonio Fernandes Coelho*.'

O episodio de Ignez de Castro é talvez a parte dos Lusiadas que tem sido mais popular na Europa, e mais vezes traduzida em todas as linguas cultas. Mas em todas ou quasi todas o foi ja o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traducções de que pude achar memoria, ou examinei eu proprio.

TRADUCÇÕES DOS LUSIADAS DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO PORTUGUEZA DE 1572.

I.—1580.—Traducção castelhana por Benito Caldera, com este titulo: —*Los Lusiadas de Luys de Camões, Traduzidos en octava rima Castellana per Benito Caldera residente en Corte. Dirigidos al illustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general inquisicion. — Con privilegio.—Impresso en Alcala de Henares, per Juã Gracian. Año de M. D. LXXX.*

1 vol. em 4to. pequeno com uma gravura em madeira

no principio, representando um soldado no acto de montar a cavallo, sem numeração de paginas ou de folios. — Antes do poema vem uma epistola ao leitor por Pedro Laynes—sonetos ao A. pelo licenciado Garay—por um amigo — por Luiz de Montalvo—pelo mestre Vergara— por um amigo — e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim: — En Alcala; — En Casa de Juan Gracian —1580.

Conserva-se um exemplar d'esta rara traducção na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house.

Veja Nic. Antonio, Bibl. Hisp. Nova; —Barbosa, Bibl. Lus. tom. I, pag. 500;—De Bure 3547:—Brunet, Man. pag. 207, tom. I; —Duclos, Dict. tom. I, pag. 231.— Osmont, Dict. Typ. tom. I, pag. 163.—Fournier, Nouv. Dict. port. de Bibl.— Bibl. Croftsiana, n.º 4633.— Bibl. Pinelliana, n.º 689.—Adamson's Memoirs, tom. II.

II.—1580.—Traducção castelhana por Luiz Gomes de Tapia, com este titulo: *La Lusiada de el Famoso Poeta Luys de Camoes. Traduzida en verso Castelhano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia — Con privilegio. —En Salamanca.—En casa de Juan Perier, Impressor de Libros, año de M. D. LXXX.*

1 vol. 4to. pequeno em 307 fol. Tem argumentos em

prosa no princípio, e annotações no fim de cada canto.

Antes do poema contêm dedicatoria — versos latinos de Francisco Sanchez — um soneto em castelhano pelo auctor — versos latinos de Francisco Sanchez — versos latinos de Alvaro Rodrigo Zambano — um soneto em italiano por Diogo Vanegas — uma canção por D. Luiz Gongora e Pedro de Vega — sonetos em castelhano por D. Luiz de Valençuela e D. Antonio Peralta — cathalogo dos reis de Portugal.

Um exemplar d'esta obra existe na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr do morgado de Matheus D. José Maria; outro no de M. Smith: Bibl. Smithiana, Venet. 1755, pag. 87.—Vej. Adamson's Mem. tom. II.

III. —1591. — Traducção castelhana por Henrique Garces; com este titulo: *Los Lusiadas de Luis de Camoes, Traduzidos de Portugues en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primero de las Españas, y de las Indias. En Madrid. Impresso con licencia en casa de Guillermo Drouy, impressor de libros. Año* 1591. 1 vol. 4to.

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e inviuvando foi conego no Mexico. Vej. Nicolau Antonio Bibl. Hisp. Nov. I.— Barb. Bibl. Lus. tom. II. — Reis Enth. poet. pag. 150. — O titulo, privilegio,

censura e quatro sonetos occupam oito pag. sem numeração; o poema 185 fol. — Um exemplar d'esta rarissima edição existe na bibliotheca do meu amigo o Sr. James Gooden, em Londres.

IV. — 1612. — (Á volta de) — Traducção franceza, anonyma. Não foi possivel aos mais diligentes bibliographos modernos descobrir um exemplar d'esta traducção, de cuja existencia nos consta indubitavelmente todavia pelo testimunho de Nicolau Ant. Bibl. Hisp.; Fernandes ed. dos Lus. de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a attribue a um M. Scharon; Adamson's Memoirs tom. II; e outros.

V.—1613.—Traducção italiana anonyma: provavelmente Ms. pelo testimunho de Nervi. Vej. Manuel Correa que lhe assigna ésta data de 1613; Adamson's Memoirs tom. II.

VI.—1622.—Traducção latina por D. Fr. Thomé de Faria bispo de Targa; com este titulo: *Lusiadum Libri X. Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulyssipone ex officina Gerardi de Vinea* 1622. 1 vol. 8vo.

Reimprimiu-se no *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum etc. Lisboa.* 1745.

Tive na minha pequena collecção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em podêr do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar d'esta 1.ª edição foi vendido na venda de Crevena por 2 fl. 14 st. Catal. Crev. tom. III. pag. 289.

Vej. Nic. Ant. Bibl. Hisp. Nov. vol. II; Barbosa Bibl. Lus. tom. III; Faria y Sousa; Severim de Faria; Adamson tom. II; e outros.

VII.—163...—Traducção latina por André Bayão com este titulo: —*Lusiada Indiæ orientalis argonautæ* Ms. actualmente existente na Bibliotheca Romana.

André Bayão, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu 1639.

Vej. Bibl. Hisp. Nov. tom. I; Bibl. Lus. Tom. I. Montfaucon Bibl. Mss. vol. I, pag. 179; Reis Enth. poet.; Adamson's Mem. tom. II.

VIII.—16...—Traducção latina de Antonio Mendes, com este titulo: —*Lusiaden Camonij Hispanorum vatum antesignani Poema Latinis versibus redditum.* 4.º *Ms.*

Vej. Barbosa Bibl. Lus. tom. I, pag. 327.

IX.—16...—Traducção latina por Fr. Francisco de Sancto Agostinho Macedo, com este titulo: *Lusiada de Luiz de Camões traduzida em lingua latina. Ms.*

Macedo o encyclopedico nasceu em Coimbra 1596, morreu em Padua 1681.

Ésta traducção chegou a estar em podêr do padre Reis para se imprimir no *Corpus poetarum,* cujo sexto volume é todo occupado pelas obras do mesmo Macedo, e não

veio porfim a publicar-se por não ter recebido a última correcção de seu auctor, diz uma nota de editor no referido 6.º vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Bibliotheca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus poetarum*, creio eu.

Vej. Barbosa Bibl. Lus. tom. I e II; Adamson tom. II.

X.—1655.—Traducção ingleza por Sir. Richard Fanshaw, com o seguinte titulo: *The Lusiad, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.*—Dignum laude virum Musa vetat mori:—Carmen amat quisquis carmine digna facit.—HORAT.—*London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms, in St. Paul's church yard. M. DC. LV. fol.*

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e n'este character residia quando se concluiu o casamento d'elrei Carlos II com a infanta D. Catharina. Foi depois embaixador em Madrid onde morreu em 1666.

É dedicada a traducção ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extracto do *Satyricon* de Petronio com uma traducção do mesmo Fanshaw, e o soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglez. Retrattos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra *newly* no frontispicio d'esta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais antiga traduc-

ção por auctor diverso. Mickle, *Dissert. on the Lus.* em uma nota, resolve, cuido eu, toda a dúvida, quando diz, citando o editor das cartas de Fanshaw: 'During 'the unsettled times of our anarchy some of his (Fans-'shaw's) Mss. falling by misfortune into unskilful hands, 'were *printed and published* without his consent or know-'ledge, and before he could give them his last finishing 'strokes: such was his translation of the Lusiads.'

Mickle loc. cit.; Adamson's Mem. tom. II.

XI.—1658.—Traducção italiana por Carlos Antonio Paggi, com o titulo: *Lusiada Italiana di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese, Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe de' Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira.* 1658. 1 vol. 12mo.

Contêm uma allegoria precedendo o frontispicio, gravada; duas dedicatorias a Monsig. Giacomo Franzoni e al Ill. Sign. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões; — sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. Ant. Bibl. Hisp. Nov. tom. II; Adamson's Mem. tom. II.

A segunda edição, mui alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma typographia logo no seguinte anno 1659.—Ha exemplares no Mus. Britan., na collecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII.—1735.—Traducção franceza por Duperron de Casterá; com este titulo: *La Lusiade du Camoens, poême héroique, sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, pnr M. Duperron de Castera.* 3 *vol.* 12*mo. Paris* 1735.

Com uma serie de estampas, e uma allegoria no frontispicio. É dedicada a S. A. S. o Principe de Conty. Contêm, alêm da dedicatoria em verso francez, e da inscripção em verso latino da allegoria, um prefacio, a vida de Camões, licença do rei, notas no fim de cada canto, e indice de materias no fim de cada volume.

De Bure; Brunet, Man. du Lib. tom. I, pag. 207; Duclos, Dict. Bibl. tom. I; Osmont, Dict. Typogr. tom. I, pag. 163.

Ha uma ed. de Paris 12mo., outra de Amsterdam em 8vo., ambas em tres vol. e no mesmo anno de 1735.—Outra ed. de 1768.

XIII.—1762.—Traducção em verso allemão dos episodios de Ignez de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra *Den Gil. Beytr. zu den Braimschwig Antreigen.* 1762. St. 25. pag. 193; St. 26. pag. 210.

XIV.—1772.—Traducção em oitava rhyma italiana anonyma; com este titulo: *La Lusiade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da'Portoghesi di Luigi Camoens: Chiamato per la sua excellenza Il Virgilio di Portogallo. Scritta da esso celebre autore nella sua lingua*

naturale in ottava rima, ed ora nello stesso metro tradotta in Italiano de N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiunti al Poema da Gianfrancesco Barreto. Torino 1772. Presso li fratelli Reycends Libraj in Principio di contrada nuova.—Multosque per annos—Errabant acti fatis maria omnia circum.—ÆNEID. LIB. I.

1 vol. 12mo. de 304 pag. dedicado *al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvadore Pez di Villamarina.* Argumentos em verso no princípio de cada canto, e notas marginaes no decurso da obra. Ha um prefacio depois da dedicatoria.—Attribue-se geralmente ao conde Laureanni, algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr de M. Adamson.

XV.—1772.—Traducção em verso francez por S. Gaubier de Barrault; com este titulo: *La Mort d'Inès de Castro; et Adamastor: morceaux tirés et traduits de la Lusiade de Camoens; pour servir d'Essai à une Traduction Françoise en vers et complette de ce fameux Poeme Portugais. Ouvrage dédié & présenté au Roi le VI de Juin M. DCC. LXXII, jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault. A Lisbonne. De l'Imprimerie Royale. Avec approbation.* 1 folheto de 32 pag. em 4to. com o texto ao lado.

São unicamente os episodios de Adamastor e de Ignez de Castro, traduzidos verso por verso: dedicatoria em prosa franceza a elrei D. José.

Aquino ed. de Cam. 1782; Adamson tom. II.

XVI.—1776.—Traducção em verso rhymado inglez por Julio Mickle; com este titulo: *The Lusiad; or the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.*—'Nec verbum verbo, curabis redere fidus—'Interpres'—HOR. ART. POET.—*London.—Oxford.—M. DCC. LXXVI.* 1 vol. 4to.

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contêm, antes dos Lusiadas, uma introducção; a historia da descoberta da India; a historia do crescimento e quéda do imperio portuguez no Oriente; vida de Luiz de Camões; dissertação sôbre os Lusiadas; observações sobre a poesia epica.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I.; Adamson's Mem. tom. II.

XVII.—1776.—Traducção, em resummo, em prosa franceza por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este titulo: *La Lusiade de Louis de Camoens; Poeme Héroïque, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant. 2 vol. 8vo. Paris*, 1776.

Precedem o poema uma advertencia do editor, uma

vida de Camões: no princípio de cada canto um argumento em prosa. Excellentes gravuras com explicações em prosa tambem.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I; Mickle Diss.; Bibliothèque d'un homme de goût tom. I, pag. 239 (ed. de 1808); Brunet Man. du lib. tom. I; Fournier Nouv. Dict. port. de Bibliog.

XVIII.—17.—Traducção em verso francez por Florian, com este titulo: *Episode d'Ignez de Castro, traduit de la Lusiade de Camoens—chant III.*

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX.—1788.—Traducção anonyma em prosa franceza do episodio da Ilha dos amores, na collecção intitulada: '*Voyages Imaginaires, Romanesques, merveilleux,* '*allégoriques &c. Amsterdam* 1788, 8vo.' com o titulo seguinte: *L'Isle enchantée, Episode de la Lusiade, traduit du Camoens.* Tem uma bella gravura de Venus fallando a Cupido.

XX.—1807.—Traducção em oitava rhyma alleman por Frederico Kuhn e Carlos Theodoro Winkler; com o titulo: *Die Lusiade de Camoens. Aus dem Portugieschen in Deustsche otavereime ubersetzt. Leipzig in der Weidmannischen Buckhandlung.* 1807. *8vo.*

É dedicada ao conde Carlos Boze secretario d'estado d'elrei de Saxonia: pretende-se na dedicatoria que é a primeira traducção dos Lusiadas em allemão.

XXI. —1808.—Traducção alleman do primeiro canto dos Lusiadas, com o texto portuguez ao lado; com este titulo: *Probe einer neuen ubersetzung der Lusiade des Camões. Hamburg bey Friedrich Perthes.*

XXII. — 1811. — Traducção em verso francez dos episodios de Ignez de Castro e da Ilha dos amores, por Parseval Grand-maison, no poema rhapsodico intitulado *Les amours épiques.* 1 vol. 8vo.

A edição que cito é a segunda; não se pôde descobrir a data da primeira.

XXIII.—1814.—Traducção em oitava rhyma italiana, por Antonio Nervi; tem por titulo: *Lusiada di Camoens, Trasportata in versi Italiani da Antonio Nervi. Genova. Stamperia della Marina e della Gazzetta, anno* 1814. 8vo.

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou illustrações.

XXIV.—1818.—Traducção castelhana de Dom Lamberto Gil; com o titulo seguinte: *Los Lusiadas, Poema Epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Dom Lamberto Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid.* 1818. *Imprenta de D. Miguel de Burgos. 3 vol.* 8vo.

O primeiro vol. tem o titulo acima, e contêm prologo —vida de Camões—juizo crítico—relação da viagem de Gama—e os primeiros cinco cantos dos Lusiadas. —O segundo volume contêm o resto dos Lusiadas; no

terceiro ha prologo — e poesias várias que vêem a ser uma escolha dos poemas menores, notas etc.

XXV. — 18... — Traducção ingleza de parte do IV.º canto dos Lusiadas, e d'algumas selecções das Rhymas por Lord Strangford; com o titulo: — *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens. London* 18... *um pequeno vol. em 12mo.*

XXVI. — 1825. — Traducção em prosa franceza por Millié, com este titulo: *Les Lusiades, ou Les Portugais, Poème de Camoens, en dix chants. — Traduction nouvelle avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié.* — 'La découverte de 'Moçambique, de Melinde et de Calicut a été chantée par le Camoens dont 'le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide.' MONTESQUIEU.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue Jacob n.º 24. De l'imprimerie de Firmin Didot. M DCCC. XXV. 2 vol. 8vo.

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Matheus). Antes do poema, um prefacio — vida de Camões — o soneto de Tasso e uma imitação franceza d'elle. No fim de ambos os volumes, notas — argumentos — conceitos dos litteratos sôbre os Lusiadas — notícia sôbre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francez por M. Millié.

XXVII. — 18... — Traducção em oitava rhyma alleman pelo Dr. C. C. Heise, com o titulo: *Die Lusiade,*

Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen ubersetzt von Dr. C. C. Heise.—Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer. 2 vol. 12mo.—No frontispicio tem este dysthico allemão:

'Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen.'

Contêm, antes do poema, uma especie de *endereço* a Camões—argumentos nos principios—e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão. Conhece-se que é d'este seculo.

XXVIII.—1826.—Traducção em oitava rhyma italiana por Briccolani; tem titulo: *I Lusiadi del Camoens recati in ottava rima da A. Briccolani. Parigi* 1826, *co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, n.º* 24. 1 vol. 32mo.

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sette para oito annos. Tem no princípio a mesma gravura da edição portugueza em 32mo. feita em París, pela de 8vo. de Didot e na sua officina mesma, por J. P. Aillaud.

XXIX.—1826.—Traducção em verso sôlto inglez por Musgrave; com o titulo: *The Lusiad, An Epic Poem, by Luis de Camoens.—Translated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave.*—Primum ego me illorum, dederim quibus esse poetis,—Excerpam numero. Neque enim concludere versum—Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos.—Sermoni propriora putes hunc esse poetam.—Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os—Magna soniturum, des nominis hujus honorem.—HORAT. SAT. L. I, 4.

London: John Murray, Albemarle Street. M. DCCC. XXVI. 1 vol. 8vo.

Precede o poema, dedicatoria ao conde de Chichester — prefacio. — Seguem-se no fim notas.

XXX. — 1828. — Traducção dinamarqueza por Lundbye; com o titulo: *Luis de Camoen's Lusiade oversat af oct Portugisiske ved H. V. Lundby. Kopenenhagen.* 1828. 2 *vol.* 8vo.

O A. era secretario da legação dinamarqueza em Tunes.

XXXI. — 1833. — Traducção em verso allemão por Donner; com titulo: *Die Lusiaden des Luis de Camoens verdentscht von J. J. C. Donner. Stuttgard.* 1833. 1 *vol.* 8vo.

É uma bella edição em characteres romanos. Auctor contemporaneo bem conhecido.

XXXII. A traducção hebraica, referida por Mickle, e feita com muito ingenho e elegancia por Luzzeto, um erudito Judeu auctor de varios outros poemas, que morrêra na Palestina — trinta annos antes do tempo em que Mickle escrevia. — 1775.

XXXIII. A traducção em prosa latina por Philippe José da Gama, tam louvada na ed. de 1779 das obras de Camões, em Lisboa.

XXXIV. A traducção em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o titulo *Lusiadum Libri. VII. Ms.*

XXXV. A traducção em verso francez pelo Sr. Duque

de Palmella que os particulares amigos do illustre auctor sabem estar muito mais adiantada, postoque d'ella só apparecessem amostras no *Investigador portuguez em Londres* de 18...—Posso dar testimunho do muito que admirei algumas das mais bellas e mais difficeis passagens dos Lusiadas, quando o nobre poeta (espero que se não offenda do nome) me fez a honra de m'as ler, ha onze para dôze annos em Londres.

XXXVI. As duas traducções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, illustre viajante d'aquelle paiz que aqui vimos em Lisboa este anno de 1839.

XXXVII. Os commentarios e traducção russa em 2 vol. 8vo. que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e intelligencia.

XXXVIII. Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure tambem traduziram em Francez partes dos Lusiadas. *(Nota da segunda edição.)*

XXXIX.—1839.—Traducção sueca por Lovén, com este titulo: *Lusiaderne. Hjeltedikt of Luis de Camoés Ofversatt från Portugisiskan, J originalets versform, Af Vils Lovén. Stockholm, tryckt hos L. J. Hjerta*, 1839.

1 vol. 12mo. grande, de 224 pag., prefacio de IV pag., notas no fim, em XVI pag.

XL.—1841.—Traducção em verso francez por Aubert; com titulo: *Traduction des Lusiades de Camoens, par Ch. Aubert. Paris* 1841. 1 vol. 12mo.

XLI. — 1841. — Traducção em prosa franceza por Ortaire Fournier e Desaules; com titulo: *Les Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle, par M.M. Ortaire Fournier et Desaules, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis. Paris* 1841. 1 vol. 12mo. *(Nota da terceira edição.)*

XLII. —1852. —Traducção em verso inglez dos primeiros cinco cantos, com o titulo: *The Lusiad of Camoens. Books I. to V. Translated By Edward Quillinan. With notes By John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal &c. &c. London* 1853. 1 *vol.* 8*vo. (Nota da quarta edição.)*

AO CANTO OITAVO.

NOTA UNICA.

Louçan transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo;
Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes mesas . . . . pag. 153.

Rarissima era ainda a porçolana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de louça da India que fez o nosso sancto arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Martyres ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixellas de ouro e prata, como improprias de

um successor de S. Pedro, e usasse d'aquella que nem era tam cara nem tão fastosa. Veja Fr. Luiz de Sousa vida do Arc. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO NONO.

NOTA A.

O trovador moderno que descanta . . . . pag. 170.

O nome de trovador não foi privativo dos provençaes, porque portuguezes e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavalleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista*. *(Nota da primeira edição.)*

NOTA B.

Arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que a prumo a descahiram — e fixada
No incantado equilibrio, desafia
Fôrças da natureza e arte dos homens . . . . pag. 173.

Vistos de certo ponto e distancia, os rochedos primitivos e descarnados d'aquella serra parecem comeffeito collocados alli por meios sobrenaturaes.

Não haverá entre elles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou n'est'outros versos:

> Celtico dolmin recordando o culto
> Do sanguento Endovelico, o terrivel
> Irminsulf dos ferozes Lusitanos? . . . . pag. 174.

Dolmin, ou dolmen, é o singelo monumento celtico de uma pedra solitaria e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do genio, por sangue. Endovelico era deus celta, porventura traducção de Irminsulf assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano.

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interêsse o poeta só indíca: tracte-as a sciencia, que o valem. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C.

> Guardando ainda,
> No azul que em sua glória lhe vestiram,
> As estrellas do Yamau e os inlaçados
> Characteres do Hydjaz . . . . pag. 174.

Ainda agora — A. D. 1839 — se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quasi todo o estuque, e bocados d'elle com o azul vivo e animado, as estrellas, meias-luas e lettras arabicas bem distinctas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Vêja, sôbre a admiravel conservação d'estes frescos, as observações de Paw, *Recherch. Philos. Paris, an 3 de la républ.*

Se alguem fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notaveis vestigios antes que de todo se oblitterem! *(Nota da segunda edição.)*

Nota D.

Éstas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo . . . . pag. 175.

É facto que póde cada um explicar a seu sabor, mas indisputavel para todos. — Na cidade habitada ainda por gerações que succederam a centenares de gerações — na que jaz abandonada e deserta ja — os monumentos, os edificios publicos e particulares, ou renovados ou cahidos, ou sem deixar vestigio siquer, todos testimunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas. Porque será que as casas d'oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Philosophia responderá com um surriso, a Piedade com um levantar d'olhos ao ceu. Nenhuma te convence: talvez. Mas se heide crer sem intender, porque hade ser antes no que ri e zomba, do que n'esse que vive tam certo em sua fé? *(Nota da segunda edição.)*

Nota E.

De Bernardim saudoso e namorado . . . . pag. 176.

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Môça* é uma allegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Cintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a infanta D. Beatriz casada com o duque de Saboia, são factos: o resto quem o póde affiançar? *(Nota da primeira edição.)*

No volume d'esta collecção em que se publíca o *Auto-de-Gil-Vicente*, vem illustrado mais amplamente o ponto.

Imprimiu-se, na primeira edição do poema, Isabel em vez de Beatriz, por ingano desculpavel em quem escreveu e imprimiu em terra extranha, quasi sem um só livro portuguez. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F.

Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda . . . . pag. 177.

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos deciphrada e deciphravel do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me accu-

sasse de ter seguido outra diversa no *Auto-de-Gil-Vicente*. Não era êrro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permittido violar a historia, que liberdades não terá elle com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lança-se ao mar, no *Auto-de-Gil-Vicente*; mas nenhum *nuncius*, nenhum χορος veio fóra, como na comedia ou tragedia antiga, dizer ao público:—'Bernardim Ribeiro affogou-se comeffeito: *nunc plaudite*.' *(Nota da segunda edição.)*

Nota G.

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será . . . . pag. 182.

Duarte Nunes do Lião define *façanha*, acção notavel em cavallaria que se póde citar como aresto e caso-julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. chron. *(Nota da primeira edição.)*

Nota H.

Prompto se offerece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagá-lo impregue . . . . . . pag. 184.

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou os Lusiadas em 1572 na officina de Antonio Gonsalves. Fez

logo segunda edição no mesmo anno, segundo demonstrou o Morgado de Mattheus, e ja Faria-e-Sousa tinha descoberto. Desde então, pode-se dizer que a imprensa ainda não descançou de multiplicar exemplares d'esta assim como das outras obras de Luiz de Camões *(Nota da segunda edição.)*

NOTA I.

Soa o brado ingente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une .... pag. 185.

Mais de uma vez se tem feito allusão, n'este poema, á immortalidade que o nome de Camões affiança á nossa lingua e ao nosso nome. Poucos ha tam populares e europeus como o d'elle. N'estes derradeiros tempos quasi que não ha lingua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o ingenho e carpido as desgraças do Homero portuguez.

Lord Strangford com as suas *paraphrases*, de pouco merito alias, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O Morgado de Mattheus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as sympathias despertadas talvez pelo litterario *dandy*.

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scènes de la nature sous les tropiques*, appareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu

Camões, que é d'esse anno, fiz a semsaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, intendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que tam bem tem merecido da nossa litteratura, se offendêra d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha convicção íntima de que, assim como eu não sabía da sua obra nem a víra antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Vi mais em Francez, publicado em 1831—32? um pequeno drama em prosa, cujo assumpto é a volta de Camões a Lisboa. Não me póde lembrar o nome do auctor.

Em Allemão appareceu —*Tod des Dichters*—romance por Ludwig Tieck, Berlim 1834. É seguimento de uma publicação á maneira dos annuaes inglezes, intitulada *Novellenkranz*. 1 vol. 12mo. de 347 pag.—Sahiram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros litteratos d'Allemanha.

N'uma collecção de poesias dinamarquezas que tem por titulo —*Nye Digte, Af Tchack Staffeldt*—Kiel 1808. 8vo. a pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens* em versos de differentes medidas e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jáu de Camões, e vozes de anjos. Contêm 24 pag. *(Nota da segunda edição.)*

Li o anno passado dois dramas allemães cujo protago-

nista é tambem o nosso Camões, são impressos 183... *(Nota da terceira edição.)*

Acabo de receber de París, hoje 12 de Março 1854, um elegante e precioso estudo litterario sôbre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo Sr. Adolpho de Cicourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliothèque universelle de Genève*, e tem por titulo *Catherine d'Atayde. Genève imprimerie Ferd. Ramboz et Cie*, 1853. Sinto que a ja demaziada extenção d'estas notas me não permitta inserir por extenso todo este opusculo, bem digno do seu objecto. *(Nota da quarta edição.)*

AO CANTO DÉCIMO.

Nota A.

À indigencia, á miseria ahi succumbe .... pag. 189

Seguindo a opinião do Morgado de Mattheus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dous irmãos Camaras—Luis Gonsalves e Martim Gonsalves—com toda a fealdade d'este crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam elrei, e que, segundo diz Faria-e-Sousa, *eran enemigos del poeta*. Com ésta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. bispo de Vizeu, Lobo, quando, ajudado da aucto-

ridade e argumentos do mesmo Faria-e-Sousa, confunde a villania de Mariz que tam indignamente quiz desculpar a ingratidão da côrte á custa da reputação de Camões.

Mas ja que vai de fazer justiça a todos, façamo'-la tambem ao govêrno d'aquelle tempo, absolvendo-o da accusação, tam repettida ha quasi tres seculos, de que a pensão dos quinze mil réis que lhe davam era, inda em cima, tam mal paga que o poeta dizia: 'que havia de 'pedir a elrei que trocasse os quinze mil réis por outros 'tantos açoites nos ministros por quem corria o pagamento.'

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por integra, em razão da novidade e interêsse do seu conteudo, os seguintes documentos cujas authênticas me foram officialmente communicadas da Torre-do-Tombo. E fólgo de dar aqui público agradecimento á obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e á diligencia de seus empregados, que tam zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

'Illmo e Exmo Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª (de ordem do meu Guarda-Mor) as tres cópias junctas do alvará e appostillas de 15$000 réis de tença concedida a Luiz de Camões, podendo assegurar a V. Ex.ª não existir n'este Archivo outro algum documento (e muito menos autographo) que pertença ao dito Camões.—Deus Guarde a V. Ex.ª—Real Archivo da Tôrre do Tombo 27 de Julho de 1839 —Illmo e Exmo

Sr. Chronista Mor do Reino.—*José Manoel Severo Aureliano Basto*, Official Maior.'

'Eu elrei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que luis de camões caualleyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março deste anno presemte de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada um dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luis de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martinho pireira do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça asentar no livro della estes quinze mil reis no titullo do thesoureiro mor pera nelle lhe serem pagos cada um dos ditos tres annos com a certidão acima decllarada e este allvara quero que valha como se fosse carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borralho a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dous e eu Duarte dias o fiz

escrever.—Está conforme ao livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 86. v.º—Real Archivo 23 de Julho de 1839.—*José Manoel Severo Aureliano Basto.*'

'Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio daguiar a folhas oitenta e seis E pasou pela chancellaria a seis de Setembro de *setenta e dois.*—Ey por bem fazer merce a luis de camões dos quinze mil reis cada anno conteudos neste allvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thezoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora paguarão com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com esa declaração se hasentarão no Livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do asentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever.—Está conforme ao Livro 33 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 229. Real Archivo 23 de Julho de 1839.—*José Manoel Severo Aureliano Basto.*'

'Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões.—Ey por bem de fazer merce a luis de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno

por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dous dias do mes dagosto deste anno prezente de quinhentos setenta e oito em diante E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór assy e da maneira que ategora se lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeito della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dous de Junho de mil quinhentos setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apostilla = Jorge da costa a fez escrever. — Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 119. v.º — Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*' *(Nota da segunda edição.)*

Os conscienciosos e infatigaveis desvellos do meu amigo o Sr. Visconde de Jeromenha sahirão breve a público para

illustrar ésta e outras questões biographicas relativas a Camões. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B.

Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado ja .... pag. 196.

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Viseu, na memoria tantas vezes citada, claramente provou que 'o fallecimento do poeta no hospital público de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso.'

Vej. Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom. 7, pag. 230. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C.

Uma faisca
Esquecida a tyrannos la scintilla .... pag. 206.

Ésta é uma prophecia de poeta, cujo cumprimento póde ser explicado pelos successos de 1640, de 1800, ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de taes prophecias.

Nota D.

Juncios morremos ... e expirou co'a patria ..... pag. 204.

É notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que em quanto eu, humilde e

desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em París o seu nome e o da sua nação com o quadro magnífico que este anno passado de 1824 expos no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos e esquecidos como estamos, que haja ainda portuguezes como o Sr. Sequeira que resuscitem, de quando em quando, o adormecido echo de nossa antiga fama. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda? . . . . . pag. 204.

Camões foi interrado em sepultura humilde e raza ao lado esquerdo da porta principal da egreja do convento de Sanct'Anna, que então servia de parochia. Dezeseis annos depois, D. Gonsalo Coutinho, o mesmo que tam affeiçoado lhe fôra n'outro tempo, mas que parecia te-lo desamparado nos ultimos dias de sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonsalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido—em dezeseis annos!—da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas difficuldades, 'por não haver indício' diz o Sr. bispo de Viseu, Lobo, 'que o fizesse logo advertir'; mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da egreja, e assentou sôbre ella

uma pedra em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Principe
Dos poetas do seu tempo;
Viveu pobre e miseravelmente;
E assi morreu.
Anno M.D.LXXXIX.

Martim-Gonsalves da Camara, o famoso escrivão da puridade d'elrei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonsalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lápide aquell'outro epitaphio em distichos latinos, composição do padre Mattheus Cardozo jesuita, toda hyperbolica, ingenhosa e de conceitos, que ou me ingano muito ou, per si mesmos, esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O chronista franciscano attesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da egreja no sítio onde fôra a primitiva sepultura do poeta, e alli foram postos em seu obsequio com emblemas e tropheos militares.

No terremoto de 1755 o tecto da egreja, que era de

abobada, cahiu com todo o seu pêso sôbre o centro d'ella e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram empé, e o resto do pavimento de ambos os lados da egreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testimunha a existencia de muitas lapidas, inscripções tumularias, brazões etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A egreja concertou-se: as freiras, que até alli não tinham tido senão côro de cima, fizeram côro de baixo tambem, tapando a porta principal da egreja que era fronteira ao altar mor, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões — em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sítio em que a grade do côro de baixo agora parte a egreja quasi a meio.

Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou perguntar se se posera ou não signal n'aquella sepultura: todos se contentaram desmazeladamente com dizer: — 'Perdeu-se com o terremoto.' E passou em julgado. Invergonhava-se a gente quando os extrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional, mas não se tractou nunca de ver se era possivel repará-la.

Só n'este seculo, um homem não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respei-

tador seu, o padre José-Agostinho de Macedo por vezes foi ouvido dizer, a várias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruíra a loisa, não o jazigo.

Provavelmente não havia impenho no presummido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou ésta incúria geral portugueza se ficou na priguiça de que nada parecia podêr ja despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em París a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente éstas circumstâncias locaes, e não tinha nem o menor vislumbre de que fôsse possivel virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoy* de proençal, ou com mais exacção de acre *sirvente* que fustiga um crime público — em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Govêrno, todos peccaram de culposa incúria em não ter feito a minima diligencia para descobrir o monumento de sua maior glória. Volumes de *providencias* do marquez de Pombal, milhões de despezas em desintulhos, concertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luiz de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego e sem valimentos, o imprehender a desaffronta da nação e o desaggravo do seu grande genio.

Na sociedade que se formára em Lisboa em 1835 com

o titulo da Sociedade dos Amigos das Lettras, o Sr. Castilho propos que se não désse toda a esperança por perdída, que elle tinha fé que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligencias com zêlo e impenho.

Nomeou-se uma commissão; o Govêrno e o Sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solemnidades explorada a egreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no proprio sítio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortaes do immortal cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem lettra nem devisa, cobrindo um vão argamaçado e ladrilhado, com dous ou tres degraus que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insufficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma egreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, á mingua de *authênticas* formaes, podem crer em reliquias authenticadas com probabilidades tam vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se póde provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia; de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Apparece

uma nova, como é nova toda a linha media do pavimento da egreja. Não apparece, apezar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alli viesse interrar-se. Estamos como no tempo em que D. Gonsalo Coutinho procurava a ja esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *difficuldades* que fazem hesitar, mas que são muito venciveis: nenhuma razão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas occurrencias de Septembro de 1836, tempo em que a commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatorio circumstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai apparecer brevemente ao público.*

O meu amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resummi, está actualmente dispondo aquelle relatorio, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tam grande descoberta, e vir emfim a nação portugueza a recuperar o seu Palladio litterario. Dar-lhe-ha ella depois sanctuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemo'-lo ao menos. *(Nota da segunda edição.)*

* Escrevia-se ésta nota em 1839. Não me consta que nada apparecesse até hoje. Março de 1854.

Nota F.

Canto de indignação, último accento
Que jamais sahirá da minha lyra . . . . pag. 205.

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Ingana-se. Realmente desde ésta epocha não tornei a imprehender uma obra poetica: não tornei propriamente a fazer versos. A canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista — com dous ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos de que me accuso. Coisas velhas e anteriores, emendei e conclui muitas.

Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos teem, — que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que ja não *creio;* e para ser poeta é mister *crer*. Ja não creio senão em Deus: e agora, só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomára eu podêr commigo que os fizesse — meus riccos versos! Que me não façam *almotacé do bairro,* como dizia o Tolentino — regedor de parochia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção*, lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir: elles, coitados, saberão elles que fazem prosa? *(Nota da segunda edição.)*

INDICE.